

# **As Relações de Vizinhança nas Redes de Suporte Social dos Residentes no Bairro de Santiago em Aveiro**



**Ana Paula Caetano**

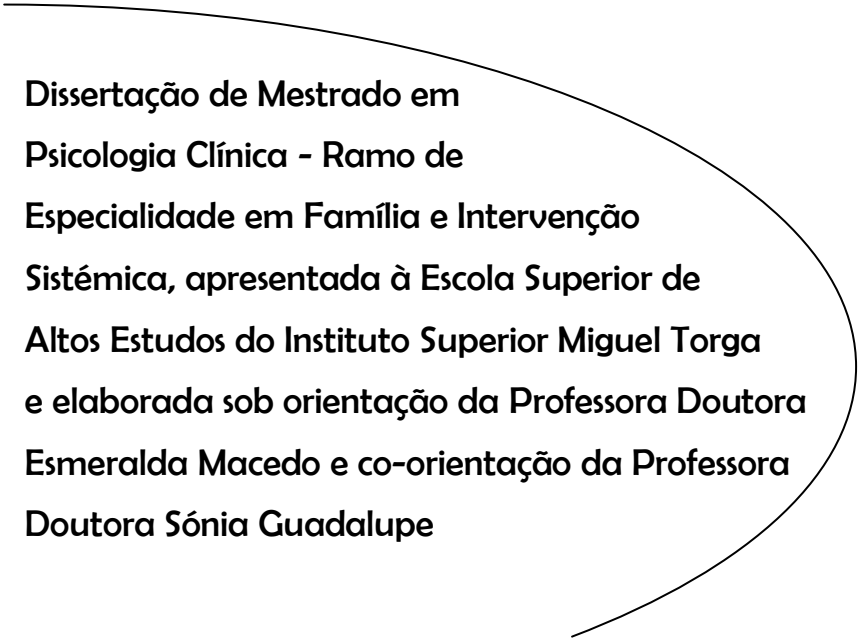
**Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica  
Ramo de Especialidade em Família e Intervenção Sistémica**

**Coimbra 2009**

Instituto Superior Miguel Torga  
Escola Superior de Altos Estudos

**Ana Paula Pereira Caetano**

**As Relações de Vizinhança nas Redes de Suporte  
Social dos Residentes no  
Bairro de Santiago em Aveiro**



Dissertação de Mestrado em  
Psicologia Clínica - Ramo de  
Especialidade em Família e Intervenção  
Sistémica, apresentada à Escola Superior de  
Altos Estudos do Instituto Superior Miguel Torga  
e elaborada sob orientação da Professora Doutora  
Esmeralda Macedo e co-orientação da Professora  
Doutora Sónia Guadalupe

Coimbra 2009



*À rede de interventores do Bairro de Santiago*

## **AGRADECIMENTOS**

À IPSS Florinhas do Vouga por me ter aberto as portas, por permitir a realização desta investigação e por acreditarem na importância da intervenção nestes contextos. Um especial agradecimento ao Padre João Gonçalves por ter acolhido esta ideia e permitir que a instituição continue a desenvolver projectos “atípicos”.

Aos técnicos desta Instituição onde encontro sempre determinação e humanismo perante as adversidades que encontram neste bairro. Aos meus colegas de trabalho, Nuno, Ricardo, Sandra, Mariana, Carolina, Bruno e Tânia, por acreditarem em mim e por me ajudarem a reunir a amostra e a passar os instrumentos de avaliação.

Às minhas colegas de mestrado, Filipa, Andreia e Sandra, por ouvirem e partilharem as dúvidas e as certezas.

À Professora Doutora Sónia Guadalupe, por ter dado corpo a uma ideia e por mostrar que o estudo tinha sentido mesmo quando estava sem sentido.

À Professora Doutora Esmeralda Macedo pelo seu contributo.

À minha família, por aceitarem as minhas ausências, mesmo quando estava presente e pelo apoio incondicional.

E finalmente, aos que me permitiram realizar este trabalho, os moradores do Bairro de Santiago, pelo forte sentimento de pertença e por acreditarem que um bairro é mais do que a soma das suas partes, que não se reduz às fachadas dos prédios.

## RESUMO

O presente estudo descreve o suporte social dos residentes do Bairro de Santiago em Aveiro. Numa perspectiva sistémica são analisadas as características estruturais, funcionais e contextuais da rede social pessoal do indivíduo, nomeadamente as relações que desenvolve com a vizinhança do bairro.

A amostra é constituída por 80 moradores do bairro, 50 mulheres e 30 homens, com idades compreendidas entre os 18 e os 83 anos. Para a avaliação das variáveis em estudo foi utilizado um questionário para a caracterização da situação sociodemográfica e socioprofissional, assim como a caracterização da residência e da relação percebida com a vizinhança; o Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal numa versão adaptada (Guadalupe, 2009); e o eco-mapa para a caracterização da relação percebida com a rede secundária (Hartman & Laird, 1983).

Os sujeitos da amostra são maioritariamente naturais da freguesia da Glória, residem com a família nuclear e apresentam um tempo médio de residência no bairro de 16 a 20 anos. A maior parte dos sujeitos reside em habitações arrendadas, sendo que cerca de metade da amostra refere que gosta de viver no bairro, sendo o seu local ideal de residência, indicam ainda ter uma relação muito próxima com os vizinhos.

Os residentes mais velhos do bairro apresentam redes de suporte mais pequenas, mas com um tamanho maior nas relações de vizinhança na rede, associada a um tempo de residência no bairro mais alargado e ao facto de não apresentarem uma actividade produtiva, embora não se tenha verificado que estes valores sejam significativos. O local ideal de residência e a proximidade nas relações de vizinhança parecem ser decisivos na qualidade de suporte que a sua rede lhe oferece, nomeadamente na frequência de contactos com este quadrante da rede social.

Este estudo permite-nos compreender alguns factores que tecem a rede interna deste bairro, percebe-se assim que cada vez mais a intervenção tem de ser voltada para o bairro como um todo, característica fundamental quando se pensa na intervenção neste contexto.

Palavras-chave: rede de suporte social, bairro social, relações de vizinhança.

## ABSTRACT

This study describes the social support of Santiago's neighborhoods residents in Aveiro. Is therefore examined, in a systemic perspective, the structural, functional and contextual characteristics of the individual social network, including neighborhood developing relations.

The sample consists in 80 neighborhood residents, 50 women and 30 men, aged between 18 and 83 years. To assess the study variables, a questionnaire was used to characterize the sociodemographic, occupational and housing as well as the perceived relationship with the neighborhood, the *Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal* in a modified version (Guadalupe, 2009); and the *eco-mapa* for the perceived relationship characterization with the secondary network (Hartman & Laird, 1983).

The subjects of the sample are mostly natural of Gloria's neighborhood, reside with their nuclear family and have an average length of residence in the neighborhood of 16 to 20 years. Most of the subjects live in rented housing. About half of the sample like living in the neighborhood, consider the neighborhood an ideal place of residence, and indicate that have a very close relationship with the neighbors.

The social networks is smaller in neighborhood's older residents, but they have a larger neighborhood quadrant, associated with a larger time of residence and the failure to submit a productive activity, although these results aren't significant. The place of residence and proximity to the neighborhood seem to be crucial for the quality of support that your network offers, including the frequency of contacts with neighbors' quadrant in social network.

This study allows us to understand some factors that weave perceived neighborhood's internal network. The intervention must be more directed to the neighborhood as a whole, a key feature when considering the action in this context.

Keywords: social support, social neighborhood, neighborhood relations.

# ÍNDICE GERAL

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>OBJECTIVOS DE ESTUDO.....</b>	<b>26</b>
<b>MATERIAL E MÉTODOS.....</b>	<b>29</b>
Tipo de Estudo.....	29
Amostragem.....	29
Procedimentos na Recolha de Informação .....	30
Características da Amostra .....	31
Instrumentos de Recolha de Dados: Variáveis e Características Psicométricas.....	33
Questionário de caracterização .....	33
IARSP – Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal .....	34
Eco-mapa .....	34
Tratamento Estatístico dos Dados .....	35
<b>APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>36</b>
Residência no Bairro de Santiago .....	36
Relação Percebida com a Vizinhança.....	39
Rede de Suporte Social dos Residentes do Bairro de Santiago .....	40
Características estruturais da rede de suporte social .....	40
Características funcionais da rede de suporte social.....	45
Características contextuais da rede de suporte social.....	46
Relação Percebida com a Rede Secundária .....	48
Resultados dos Testes às Hipóteses .....	49
<b>DISCUSSÃO DE RESULTADOS .....</b>	<b>59</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>69</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>72</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>75</b>

## LISTA DE FIGURAS

Figura n.º 1 - Modelo analítico do estudo .....	27
Figura n.º 2 - Representação da rede do caso 11 .....	43
Figura n.º 3 - Representação da rede do caso 70 .....	43
Figura n.º 4 - Representação da rede do caso 63 .....	44
Figura n.º 5 - Representação da rede do caso 54 .....	44

## LISTA DE QUADROS

Quadro n.º 1 - Sexo e estado civil da amostra .....	31
Quadro n.º 2 - Grupo etário da amostra .....	32
Quadro n.º 3 - Nível de instrução da amostra .....	32
Quadro n.º 4 - Principal meio de vida e situação na profissão da amostra .....	33
Quadro n.º 5 - Naturalidade da amostra .....	36
Quadro n.º 6 - Tempo de residência da amostra no bairro .....	36
Quadro n.º 7 - Regime de alojamento da amostra .....	37
Quadro n.º 8 - Agregado familiar da amostra .....	37
Quadro n.º 9 - Mudança de residência e motivo da mudança .....	38
Quadro n.º 10 - Local ideal de residência .....	38
Quadro n.º 11 - Relação percebida com a vizinhança .....	39
Quadro n.º 12 - Tamanho da rede de suporte social .....	40
Quadro n.º 13 - Quadrantes na composição da rede .....	41
Quadro n.º 14 - Tamanho e proporção dos quadrantes da rede de suporte social .....	42
Quadro n.º 15 - Densidade da rede de suporte social .....	42
Quadro n.º 16 - Características funcionais da rede de suporte social .....	45
Quadro n.º 17 - Frequência de contactos com os elementos da rede .....	46
Quadro n.º 18 - Frequência de contactos com os elementos da rede por quadrante .....	46
Quadro n.º 19 - Dispersão geográfica da rede .....	47
Quadro n.º 20 - Relação percebida com a rede secundária .....	48



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico n.º 1 - Caixa de bigodes para a idade.....	32
Gráfico n.º 2 - Caixa de bigodes para o tempo de residência.....	37
Gráfico n.º 3 - Caixa de bigodes para o tamanho da rede .....	40
Gráfico n.º 4 - Distribuição do tamanho da rede.....	40
Gráfico n.º 5 - Caixa de bigodes para o tamanho da rede secundária .....	48
Gráfico n.º 6 - Distribuição do tamanho da rede secundária.....	48
Gráfico n.º 7 - Diagrama de dispersão entre o tamanho da rede social e a idade .....	49
Gráfico n.º 8 - Médias para os quadrantes, tamanho e densidade da rede segundo o nível de instrução .....	51
Gráfico n.º 9 - Diagrama de dispersão entre o tamanho do quadrante das relações de vizinhança na rede e a idade da amostra .....	52
Gráfico n.º 10 - Diagrama de dispersão entre o tamanho do quadrante das relações de vizinhança e o tempo de residência no bairro .....	53
Gráfico n.º 11 - Caixa de bigodes para o tamanho do quadrante das relações de vizinhança segundo o desempenho de uma actividade produtiva.....	54
Gráfico n.º 12 - Caixa de bigodes para o tamanho da rede social segundo o local ideal de residência .....	55
Gráfico n.º 13 - Relação entre a percepção da relação com a vizinhança e o número médio da frequência de contactos nas relações de vizinhança .....	56
Gráfico n.º 14 - Caixa de bigodes para a reciprocidade do apoio recebido e a proximidade com a vizinhança.....	57

## LISTA DE SIGLAS, ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

### Siglas

IARSP	Instrumento de Análise de Rede Social Pessoal
INE	Instituto Nacional de Estatística
IPSS	Instituição Particular de Solidariedade Social

### Abreviaturas

cit in	(citado por)
et al.	et alli (e outros)
cf.	Confrontar (comparar, ver também)
etc.	et cetera, e o que se segue

### Símbolos

N	Dimensão da população
n	Dimensão da amostra
$\bar{x}$	Média de uma amostra
Me	Mediana
Mo	Moda
$s^2$	Variância
S	Desvio padrão de uma amostra
Sk	Assimetria (Skewness)
X	Variável independente
Y	Variável dependente
$p$	Nível de significância
gl	Graus de liberdade
$r$	Coeficiente correlação de Pearson
U	Coeficiente do Teste U de Mann-Whitney
H	Coeficiente do Teste H de Kruskal-Wallis
K-S	Coeficiente do Teste de Kolmogorov Smirnov



## INTRODUÇÃO

*Ver sistemicamente é “ver simultaneamente a floresta e as árvores”*

*Granovetter, 2000 (cit. in Guadalupe, 2009)*

Os chamados *bairros sociais* constituem frequentemente grandes aglomerados habitacionais e zonas urbanas aos quais se associa uma imagem estigmatizada aplicada indiscriminadamente. Esta imagem alimenta-se da ideia de “os bairros são todos iguais” (Fernandes, 1997: 93), sendo etiquetados como espaços recorrentemente sublinhados como lugares de pobreza, marginalidade e violência, por um processo idêntico ao que Goffman (1963 *cit. in* Fernandes, 1997) descreveu para a etiquetagem de indivíduos ou grupos.

O **Bairro e Urbanização de Santiago** (designados adiante por Bairro de Santiago) estão integrados na freguesia da Glória, uma zona central da cidade de Aveiro. Os “comboios amarelos”, como o bairro com habitações sociais é designado por alguns, por ser constituído por prédios longos em comprimento, é frequentemente associado às piores zonas de residência em Aveiro, relativamente à insegurança e degradação que se vive nos espaços públicos, parques e jardins. No entanto, não deixa de ser dos locais da cidade com mais espaços verdes, constituindo uma excepção ao que se conhece nos bairros congéneres nas restantes cidades do país.

Construído a partir da década de 70, o Bairro e Urbanização de Santiago alberga hoje cerca de 45 por cento da população da freguesia urbana da Glória, concentrando um elevado número de agregados familiares habitando em prédios em altura. Partindo dos diagnósticos sociais comunitários levados a cabo pelos técnicos que intervêm no bairro, nomeadamente os da IPSS Florinhas do Vouga nos últimos anos, predominam no contexto deste bairro um conjunto de problemas sociais, dos quais se destacam: situações de abandono e negligência de menores; insucesso e abandono escolar; exposição a modelos de comportamento desviante; consumo, abuso e tráfico de substâncias psicoactivas; toxicodependência, aos quais estão associados outros problemas de saúde (hepáticos, danos cerebrais, doenças sexualmente transmissíveis, VIH); alcoolismo, feminino e masculino; afluência de sem-abrigo e arrumadores que acedem aos serviços sociais existentes no bairro; desemprego, sobretudo na população mais jovem e na população toxicodependente; e vandalismo.

Se na história da urbanização começaram por sobressair as dificuldades de integração das populações para lá deslocadas, hoje, este bairro tem uma população



envelhecida que apresenta um progressivo empobrecimento, relativamente ao qual se destaca uma protecção social que se baseia em carreiras contributivas (quase) inexistentes para a Segurança Social, população esta que hoje se vê confrontada com necessidades sociais que potencialmente se constituem como fortes factores de vulnerabilidade.

De facto, os **bairros sociais** são lugares onde a cidade urbano-industrial se interrompe, são locais onde a urbe cosmopolita cede lugar a uma outra figura, diferente da reconhecida no resto da cidade. Para melhor enquadrar o aparecimento de bairros sociais, importa referir o processo inerente ao crescimento das cidades portuguesas, entre elas a cidade de Aveiro. Este processo caracterizou-se como um momento histórico marcado pelo aparecimento e consolidação de fortes assimetrias e desequilíbrios internos com consequências profundas na estruturação física e social da cidade e regiões circundantes (Sebastião, 1995), situação que desencadeou fortíssimos mecanismos de segregação socio-espacial, de que resultou a expulsão de certos grupos sociais das zonas mais valorizadas para espaços periféricos geralmente degradados ou pouco valorizados, o que de certa forma originou a permanência de situações de pobreza urbana em algumas periferias das cidades.

Contemporaneamente um quarto da humanidade vive em grandes concentrações urbanas, sendo apontada uma percentagem de cerca de 30 por cento da população total no caso de Portugal (Soczka & Nunes, 1989). Calcula-se ainda que, na urbanização global, 32 por cento dos residentes em centros urbanos vivem em condições degradadas e degradantes (Soczka, 2008). A cidade é um mosaico cultural com diferentes extractos sociais e funções, conotada com específicas formas de viver o quotidiano, crenças, ideologias, valores, costumes e representações sociais. Assim, é vista não como reguladora e gestora de subculturas activas, mas como produtora de relações (Soczka & Nunes, 1989). Soczka (1988) acrescenta que a cidade não deixa de ser um espaço de conflitos gerador de desequilíbrios produzidos através do stress quotidiano.

Podemos entender o bairro como sendo caracterizado como uma comunidade ou região dentro de uma cidade ou município, existindo na maioria das médias e grandes cidades do mundo (Nazaré, 1992). A especificidade do bairro social é ser entendido quase sempre como problemático para o exterior, na medida em que comporta uma elevada densidade demográfica com população oriunda de várias culturas e com diversas problemáticas sociais, o que frequentemente estereotipa uma imagem negativa destes bairros (Moura, 1988). É certo que os dados disponíveis apontam para que os bairros com altas densidades populacionais apresentem quase sempre maiores índices



de criminalidade, violência e desviância social (Davidson, 1981, *cit. in* Soczka, 1988), mas a concentração populacional encontra-se aqui associada não só a factores de natureza económica, cultural, social e ambiental mas também a um grande número de complexas variáveis que determinam as desregulações sociais que se atribuem à sobredensidade populacional.

Segundo Soczka (1988), o ambiente tem influências directas nos comportamentos, sem mediações psicológicas (cognitivo-emocionais), relevantes de permeio. A densidade populacional é um elemento importante para compreender o comportamento dos residentes das grandes urbes, mas é apontada como não sendo suficiente para perceber a anomia e a frequente quebra de vínculos sociais no espaço urbano (*idem*). A Psicologia Ambiental estuda a influência do ambiente sobre a sociedade e os indivíduos, a importância que assume o ambiente real a que o homem de todos os dias se adapta e transforma ou não e o ambiente natural que acompanha a sua evolução. Na Psicologia Ambiental estuda-se do ambiente para o organismo, a fim de compreender o organismo, e não do organismo para o ambiente (Morval, 2007). O recurso à Psicologia Ambiental como uma das áreas disciplinares de referência neste estudo ocorre fundamentalmente devido à importância que esta disciplina atribui ao funcionamento territorial, identidade de lugar, vinculação ao lugar e ao significado do ambiente para o sujeito.

Um conceito-chave da perspectiva ecológica e importante para este estudo é a "*pressão ambiental*" (Silva, 2001) ou a influência combinada das forças em presença num ambiente para condicionar o comportamento e desenvolvimento dos indivíduos naquele contexto. Com o tempo, o comportamento das pessoas tende a ser congruente com as solicitações situacionais do ambiente. A pressão ambiental, segundo Moos (1976 *cit. in* Silva, 2001), favorece o princípio da progressiva conformidade ao espaço. Silva (2001) defende que, para estudar a ecologia do desenvolvimento humano, há que retomar o estudo científico de como o indivíduo se desenvolve interactivamente com o ambiente imediato, tanto físico como social, e como os aspectos do contexto social mais amplo afectam o que ocorre no contorno imediato do indivíduo.

Contudo, acreditamos que o balanço das forças ambientais não é o único determinante do comportamento das pessoas. Factores individuais justificam que pessoas diferentes possam reagir de forma diferente num mesmo ambiente e, em todos os ambientes, coexistem forças que favorecem o adequado desenvolvimento da autonomia e o crescimento através da vida (*idem*).



A definição de desenvolvimento humano de Bronfenbrenner (*cit. in* Lacroix, 1990) assume uma contribuição importante para este estudo. Este autor sugere que o campo social de um indivíduo aumenta concomitantemente com o seu desenvolvimento geral. Os microssistemas ou contextos imediatos de desenvolvimento (família, amigos, trabalho, vizinhança) são o produto conjunto e complexo do ambiente físico e as interações comportamentais nas quais as pessoas experienciam e criam a realidade quotidiana. A extensão que as actividades têm, na sua qualidade e o seu nível de complexidade são variáveis (*idem*). O risco do desenvolvimento deriva de microssistemas caracterizados por um tipo e nível de actividades consideradas estreitamente restritivas por este autor. Pelo contrário, as relações sociais que são multifacetadas, permanentes e recíprocas, oferecem oportunidades ambientais para o desenvolvimento pessoal. Parece que construímos os nossos microssistemas de forma muito parecida à forma como fomos configurados por eles e daqui a importância de os conhecermos e analisarmos (Silva, 2001).

Continuando a remeter para o modelo ecológico de Bronfenbrenner (Lacroix, 1990), há que referir que os mesossistemas, ou interacção entre os distintos microssistemas, tendem a funcionar como redes de apoio social (Silva, 2001). Os ecossistemas e macrossistemas são ambientes em que as pessoas não se desenvolvem de forma directa e imediata, mas pelos quais são permanentemente influenciados. É este processo de adaptação e acomodação mútua que produz o comportamento para a mudança.

As redes sociais são um sistema onde se considera a pessoa no seu ambiente e se reconhece que o comportamento humano é, ao mesmo tempo, função da pessoa e do seu ambiente. Assim, as redes sociais não oferecem apenas suporte ao indivíduo, oferecem também identidade social e possibilitam à sociedade o controlo social. Segundo a perspectiva ecológica do desenvolvimento humano, a rede social do indivíduo forma parte de um conjunto de sistemas sociais que o influenciam e que o próprio influencia permanentemente. Esta perspectiva permite-nos ver para além das causas tidas como mais imediatas das situações e comportamentos das pessoas, já que tem em conta as complexas influências históricas e ambientais que aí intervêm, tanto directa como indirectamente (Lacroix, 1990 *cit. in* Silva, 2001).

Assim, as **redes de suporte social** desempenham um importante papel na qualidade de vida das comunidades humanas, nomeadamente ao acreditarmos que a qualidade de vida de um agregado populacional urbano, como um bairro, assenta



essencialmente na possibilidade de assistência mútua, na implicação na comunidade e nas relações interpessoais constantes.

A ideia de rede permite-nos inscrever o ser humano não só no contexto familiar como no quadro mais alargado dos diferentes sistemas sociais. Possibilita ainda a conceptualização do comportamento humano no contexto alargado das suas relações, gerando uma grelha de análise muito útil para descrever e compreender a sua complexidade, daí que o seu uso se estenda a várias esferas das ciências sociais e humanas, como na saúde mental, relações de casal, política, e neste caso, no estudo das redes sociais dos residentes do bairro.

Barnes (1954, *cit. in* Alarcão & Sousa, 2007) é recorrentemente identificado como o primeiro autor a ter utilizado e definido o conceito, considerando que redes sociais seriam todas ou algumas das unidades sociais com quem um indivíduo ou grupo particular está em contacto. Em 1972, Barnes revê esta definição, acrescentando e salientando o impacto da trama relacional na vida social: “todo o indivíduo, numa sociedade, é visto como estando ligado a vários outros por ligações sociais de tal forma que os constrangimentos impostos por estas ligações têm implicações na (des)ordem da vida social” (Alarcão & Sousa, 2007:354).

Numa perspectiva centrada no sujeito, Sluzki (1996:42) define **rede social pessoal** como “a soma de todas as relações que um indivíduo percebe como significativas ou que define como diferenciadas da massa anónima da sociedade. Essa rede corresponde ao nicho interpessoal da pessoa e contribui substancialmente para seu próprio reconhecimento como indivíduo e para a sua auto-imagem”. Noutras palavras, “as redes sociais são sistemas abertos que, através de um intercâmbio dinâmico entre os seus membros e os elementos de outros grupos sociais, potencializam outros recursos (cada membro de uma família, grupo ou instituição enriquece-se através das múltiplas relações que cada um dos outros desenvolve). O efeito das redes é a criação permanente de respostas novas e criativas para satisfazer as necessidades e interesses dos membros da comunidade, de forma solidária e auto-gestora” (Alarcão & Sousa, 2007:356).

A rede social pessoal inclui um número diverso de pessoas que podem, ou não, conhecer-se entre si. Na maior parte das redes, há elementos que se conhecem mutuamente e que podem até ter quotidianos relativamente partilhados, ditando a sua interconexão ou densidade.

Do ponto de vista sociológico (Silva, 2001), as redes sociais oferecem às pessoas identidade social e possibilitam à sociedade o controlo social. A rede é vista por este



autor como um "*atalho*", uma ligação indirecta entre um indivíduo e o outro através de pelo menos um intermediário, ou seja, certas pessoas da rede conhecem-se muito bem, enquanto que outras não representam mais que um laço entre duas pessoas por seu intermédio, o que remete para níveis de rede.

Barrón (1996, *cit. in* Guadalupe 2009:72) agrupa três perspectivas de estudo para o apoio social: a perspectiva estrutural, a perspectiva funcional e a perspectiva contextual. A primeira destaca os aspectos estruturais das redes sociais, a segunda focaliza as funções que são cumpridas pelas relações sociais, enfatizando os aspectos qualitativos do apoio e a última considera os contextos ambientais e sociais em que ocorre o apoio. Relativamente às dimensões da rede de suporte social vários autores encontraram consenso relativamente às características estruturais e funcionais da rede social pessoal. Relativamente à terceira característica foram encontradas diferentes perspectivas.

Segundo Sluzki (1996), as principais características presentes na rede social pessoal são: características estruturais, propriedades da rede no seu conjunto (que inclui: o tamanho da rede, a sua densidade, a sua composição ou distribuição, a sua dispersão, e a sua homogeneidade/ heterogeneidade); características funcionais ou funções do vínculo, os vínculos podem assumir uma ou mais funções (sendo elas: companhia social, apoio emocional, apoio cognitivo/aconselhamento, regularização/controlar social, ajuda material ou instrumental, apoio técnico ou de serviços, e acesso a novos contactos); e atributos do vínculo, propriedades específicas de cada relação (multidimensionalidade e versatilidade, reciprocidade, intensidade e frequência de contactos).

Nestas duas abordagens é importante perceber que Sluzki (1996) dedica o seu texto ao estudo das redes sociais, enquanto que as conceptualizações de Barrón (1996 *cit. in* Guadalupe, 2009:73) “são inteiramente vocacionadas para a abordagem ao conceito de apoio social, considerando três perspectivas de análise para o apoio social”).

Neste estudo partimos das tipologias, dimensões e características das redes sociais identificadas por Guadalupe (2009) e sistematizadas no Anexo A. Guadalupe (2009) define a dimensão estrutural como a organização da teia relacional, a dimensão funcional como necessidades funcionais que ocorrem na rede e a dimensão relacional e contextual inscreve as relações no seu contexto específico e história. “Conjugadas estas três dimensões (...) pode-se analisar as redes de suporte social nos eixos síncronico e diacrónico” (Guadalupe, 2009:74).

Para este estudo não será necessário apreciar exaustivamente todas estas dimensões da rede. Muitas das características estruturais, funcionais e contextuais estão





intrinsecamente associadas a outras e serão fundamentais na avaliação de determinadas situações, tornando-se supérfluas perante outras. Assim as características que serão analisadas no nosso estudo serão apresentadas de seguida.

Relativamente à **dimensão estrutural da rede de suporte social** serão consideradas quanto à composição da rede, à distribuição por quadrantes, ao tamanho e à densidade.

A composição da rede é uma das variáveis referidas por muitos autores como aquela que define o tipo de rede social que temos em presença. Sluzki (1996) apresenta a composição como sinónimo de distribuição de rede, referindo que existe uma repartição que a pessoa central faz sobre os seus vínculos pelos quatro quadrantes principais da rede: família, amigos, colegas de estudo e/ou trabalho, vizinhos e instituições. Mais concretamente, este parâmetro permite avaliar o número de elementos por quadrante e a proporção que cada quadrante ocupa na rede. De acordo com a distribuição encontrada, a distribuição pode ser tipificada como familiar, de amizade, de vizinhança, mista, apresentando esta última uma distribuição mais ampla.

Relativamente às dimensões da rede social pessoal é importante ainda distinguir **rede primária de rede secundária**. Esta distinção entre redes primárias e redes secundárias vai de encontro às distinções nivelares acima descritas, nomeadamente no tipo de relação e estruturação da rede. Os conceitos de rede primária e de rede secundária assentam no “tipo de vínculos relacionais existentes entre os membros da rede social, embora muitos outros aspectos os distingam” (Guadalupe, 2009:54)

Assim, Silva (2001) distingue redes primárias de redes secundárias. A rede primária é constituída por indivíduos que têm afinidades pessoais, num quadro não institucional. Esta rede compreende a totalidade dos laços pessoais de uma pessoa na vida quotidiana. A rede secundária “é constituída pelo conjunto de pessoas reunidas por uma mesma função, num quadro institucionalizado” (Silva, 2001: 25).

As redes primárias fazem referência a “um conjunto natural de indivíduos em interacção uns com os outros (...) [que] formam a trama de base da sociedade e o meio de inserção do indivíduo (Guédon, 1984, *cit. in* Guadalupe, 2009:54), ou segundo Lacroix, “indivíduos que têm afinidades pessoais num quadro não institucional (Lacroix, 1990, *cit. in* Guadalupe, 2009:54).

As redes secundárias reportam-nos para as relações estabelecidas num contexto formal e com objectivos funcionais, sejam elas ao nível de organizações como de instituições. As instituições sociais podem ser vistas elas mesmas como redes sociais quando se analisa a sociedade em forma de rede, pois encontram-se fundadas entre



unidades sociais (indivíduos ou grupos). As redes secundárias podem ser formais ou informais, de acordo com o nível de estruturação, os objectivos a cumprir e as relações estabelecidas no seu seio. As redes secundárias formais referem-se a laços institucionais, apresentam relações estáveis e estruturadas segundo normas ditadas pelo papel e função atribuída ao indivíduo.

As redes sociais informais podem ser “enquadradas sob a tipologia de redes primárias organizadas para o cumprimento de uma necessidade específica e funcional que visam a partilha de recursos e a criação de uma rede de apoio selectiva” (Guadalupe, 2009:56). As associações de bairro ou associações de moradores são um exemplo deste tipo de redes secundárias informais, nomeadamente quando têm por objectivo reivindicar uma necessidade específica. No entanto, este tipo de rede é apresenta menor durabilidade e funcionalidade em relação às redes secundárias formais, pois são mais restritas e mais adaptadas às necessidades do indivíduo (Guédon, 1984 *cit in* Guadalupe, 2009:56).

As **redes sociais institucionais** podem ser definidas como organizações constituídas para cumprir com objectivos específicos, que satisfazem necessidades particulares e pontuais, que são canalizadas dentro de organismos criados especificamente para esses fins. As instituições organizam-se de acordo com premissas que reflectem as normas sociais, políticas e culturais mais gerais (Imber-Black, 1995, *cit. in* Chadi, 2000).

Quando a rede primária é pobre ou escassa em recursos para cumprir algumas funções o indivíduo acede então à rede institucional. A intervenção institucional altera a harmonia das conexões directas, habitualmente quanto maior for a desconexão maior será a presença institucional na rede do indivíduo. A falta de coesão na rede primária empobrece os recursos e como consequência esta deve ser abastecida pela rede secundária (Chadi, 2000), de forma compensatória. Assim, as redes institucionais devem funcionar como redes de relações, de competências e de serviços permitindo que exista uma coesão que dê lugar a relações integradas de forma a respeitar as individualidades, o que nem sempre se observa nas redes institucionais dado a rigidez nos limites que compõem estes sistemas.

A dispersão da rede pode ainda ser avaliada em função da distância geográfica existente entre os diferentes membros e o ego, uma maior acessibilidade afecta a efectividade da rede, sobretudo quando pensamos em funções como a ajuda material, a companhia social ou o controlo social (Alarcão & Sousa, 2007:360). No entanto, é importante não esquecer que, actualmente, dispomos de uma diversidade importante de



recursos que encurtam distâncias (telefone, internet, e-mail), o que leva à transposição de grandes distâncias com alguma facilidade.

O tamanho da rede é outra variável estrutural da rede social. Este é revelado pelo número total de elementos que a compõem. Em termos qualitativos, as redes podem ser classificadas como mínimas, médias ou muito numerosas (Sluzki, 1996) ou pequenas, médias ou grandes (Alarcão & Sousa, 2007:359). Segundo Sluzki (1996), as mínimas ou pequenas tendem a ser pouco eficazes em situações de sobrecarga ou de tensão prolongada, quer por evitamento do contacto quer por sobrecarga dos elementos mais directamente envolvidos no apoio. Se o evitamento facilita a fuga ao problema, deixando os indivíduos sem apoio directo, a sobrecarga pode levar à exaustão dos recursos e a longo prazo faz colapsar o apoio prestado. Pelo contrário, as redes muito numerosas ou grandes arriscam-se à inacção nestas situações, pois face à multiplicidade de apoios potenciais, e sobretudo em situações de maior adversidade, é possível que cada um dos elementos se sinta desobrigado de oferecer apoio pensando que alguém já o está a fazer.

Outra das características estruturais mais discutida é a densidade da rede, reportando-se “às interconexões existentes na rede, independentemente da pessoal focal” (Alarcão & Sousa 2007:359). É a interconexão entre os membros da rede social, independentemente do sujeito central, que determina o nível de densidade de rede existente. Assim, “a densidade duma rede é a proporção dos vínculos existentes relativamente aos vínculos possíveis” (Degenne & Forsé, 1994 *cit. in* Guadalupe, 2009:78).

A densidade da rede ao nível qualitativo pode ser baixa, média ou alta. Sluzki (1996) refere ser o nível médio o que favorece a máxima efectividade do grupo, pois é aquele que permite a comparação entre as impressões e opiniões trocadas, enquanto que o nível alto favorece a conformidade dos seus membros, pela pressão exercida para a adaptação às regras do grupo, levando eventualmente o membro que se desvia das normas à exclusão. Assim, Guadalupe (2009) acrescenta ainda que é nas redes menos densas ou fragmentadas que se fomenta em maior medida o bem-estar dos indivíduos por apresentarem características que facilita a adaptação á mudança.

A **dimensão funcional da rede de suporte social** diz respeito às funções que as redes primárias assumem, que podem ser tomadas enquanto funções do sistema de apoio social, ou seja, cada um dos vínculos anteriormente identificados pode ter uma ou mais funções, é a sua repetição que inscreverá cada função na história relacional dos sujeitos em questão.



Depois de uma revisão entre as sistematizações em torno da perspectiva funcional do suporte social, Guadalupe (2009) agrupou as funções de suporte da rede social pessoal em torno de três tipos: funções genéricas de suporte social percebido e recebido, funções específicas de suporte social e outras características funcionais na avaliação do suporte social. As características funcionais e estruturais estão inscritas num eixo diacrónico e sincrónico, ou seja, são “indissociáveis da sua inscrição no tempo ou no ciclo vital e no espaço ou contexto específico da vida quotidiana” (Guadalupe, 2009:86). Para o nosso estudo o contexto de bairro assume grande importância, a contextualização do momento em que ocorre o apoio, assim como a sua duração e finalidade, são importantes para melhor compreender a **dimensão relacional e contextual** da rede de suporte social.

Nesta dimensão são consideradas propriedades específicas de cada relação e do contexto de interacção que as configura, pode-se assim distinguir diferentes atributos para cada vínculo (Sluzki, 1996) ou parâmetros interaccionais (Chambo, 1997, *cit. in* Guadalupe 2009). Quando nos reportamos às propriedades específicas da dimensão contextual podemos distinguir: a dispersão geográfica da rede, o que afecta a sua acessibilidade e manutenção de contactos, o que numa situação de crise pode pôr em causa a eficácia e velocidade da resposta; e a frequência de contactos entre os elementos, independentemente da forma assumida, permite a sua manutenção e activação.

É importante referir que, no plano da intervenção, a procura do apoio na rede social, procurou essencialmente o duplo objectivo de alargar as fontes de apoio e de descrystalizar a definição das dificuldades pela introdução de novas perspectivas ou leituras do problema e de novas soluções. Assim, não podemos pressupor que todas as pessoas ou famílias apresentam suporte social disponível após ser identificada a existência de uma rede social pessoal ou familiar. Muitas vezes as redes sociais podem igualmente ser inócuas ou mesmo destrutivas, dependendo da sua natureza e composição, não protegendo os seus membros ou mesmo favorecendo a sua exposição a riscos sociais (Coimbra, 1990, *cit. in* Guadalupe 2009).

A rede social implica um processo de transformação permanente tanto singular como colectivo, que acontece em múltiplos espaços e de forma sincronizada. Podemos pensar a rede social como um sistema aberto, multicêntrico e heterárquico, através da interacção permanente, a troca dinâmica e diversificada entre os actores de um colectivo (família, colegas de trabalho, bairro e organizações, como o hospital, escola, centro comunitário e outros) e de outros colectivos, possibilita a potencialização dos recursos e



a criação de alternativas para fortalecer os vínculos da rede. Cada membro do colectivo enriquece-se através das múltiplas relações que desenvolve, otimizando as aprendizagens que são socialmente repartidas (Dabas, 2008).

Nenhum indivíduo poderia sobreviver sem a sua rede de relações, é mais correcto considerar que o contexto social imediato das famílias urbanas é formado pela rede de relações sociais reais que mantém e não pela área local em que vivem, independentemente destas relações estarem limitadas ou não a determinado local. Bott (1990) refere mesmo que as **relações de vizinhança** não são algo que se impõe por si mesmo às famílias, dentro dos seus limites, as famílias podem sempre escolher o local onde vão viver, e mesmo escolher os vizinhos com os quais estabelecem laços. A selecção de amigos depende de outros critérios como o sentimento de semelhança social (Bott, 1990).

Dado a importância que assume o quadrante das relações de vizinhança neste estudo, procedemos a uma análise mais aprofundada das suas características e de alguns estudos realizados nesta área. As relações de vizinhança, segundo Chadi (2000) caracterizam-se por apresentar indicadores homogéneos, relativamente ao nível económico, cultural e social ser bastante simétrico. No entanto, entendemos que as relações de vizinhança são assim compreendidas no geral como horizontais e complementares, visto as hierarquias sociais determinadas pela leitura da realidade global se efectuem no próprio grupo.

Chadi (2000) refere que o facto das relações de vizinhança implicarem uma partilha do mesmo contexto físico vai arbitrar a sua qualidade de “unidade e permanência”. A unidade diz respeito ao que os vizinhos têm em comum, isto é, as ruas, comércio, praças, instituições, centros recreativos, entre outros. Esta unidade leva a que os indivíduos se sintam inseridos no contexto com uma identidade comunitária, reconhecida pelos vizinhos como uma entidade própria e que constrói a sua cultura social. A permanência não está relacionada com o tempo que cada grupo permanece num local, mas diz respeito ao tempo dispendido na dinâmica das relações de vizinhança, ou seja, em torno de relações de amizade que se formam e se desenvolvem. Chadi (2000) acrescenta ainda a importância da “flexibilidade” no sistema de vizinhança, considerando os contactos externos como facilitadores, na medida em que o grupo comunitário possa ser mais aberto ou fechado, conservando os seus pontos de unificação. É através da “flexibilidade” que se gera intercomunicação e se constrói a rede de relações comunitárias.



Os primeiros estudos realizados sobre a influência de proximidades espaciais no estabelecimento de vinculações afectivas e laços funcionais apontam no sentido de a vizinhança ser por si um elemento determinante da constituição das redes sociais urbanas. Assim, vários autores verificaram de forma inequívoca que a proximidade física, em termos de alojamentos, constituía um factor de relevo na constituição de redes de afiliação social. A vizinhança imediata gerava uma grande probabilidade de constituição de amizades (Soczka, 1988).

A propósito desta ideia temas Wellman e Leighton (1979) realizaram um estudo sobre **relações comunitárias**. De facto, estes autores perceberam a importância que decorre da localização espacial das estruturas e da consequente integração normativa dos residentes de um bairro. A relação tempo/espço e a acessibilidade encorajam as relações locais, no entanto Wellman e Leighton (1979) apontam ainda a importância da existência de vínculos fora do bairro, mesmo nas comunidades ditas mais completas, como os vínculos das relações de trabalho. Para estes autores estas relações são aquelas que são apontadas como potenciando a ruptura dos habituais vínculos normativos dentro do bairro, ideia que vai de encontro ao factor que Chadi (2000) refere como potenciador da flexibilidade nas relações.

Wellman e Leighton (1979) estudaram a questão comunitária dando destaque a três formas diferentes de entender os vínculos que se estabelecem, constituindo comunidades-tipo, são elas: *Community Lost* (“comunidade perdida”), *Community Saved* (“comunidade salva”) e *Community Liberated* (“comunidade liberta”), cujas características passamos a descrever sumariamente de acordo com o enunciado dos autores.

A *Community Lost* pode ser definida como aquela em que os vínculos primários enfraqueceram, tornando o indivíduo mais dependente da sua rede mais formal. Considera-se que vínculos primários ainda existem, mas de uma forma mais fraca do que os conhecidos num bairro mais tradicional com sentimentos de comunidade solidária. As características da rede desta comunidade são: vínculos primários pouco intensos, redes fragmentadas, muitas vezes reduzidas a relações com duas pessoas. Neste tipo de comunidades é sentido como necessário um forte controlo social por agentes de segurança.

A *Community Saved* (*idem*, 1979) apresenta-se como uma importante fonte de sociabilidade e suporte, encoraja a manutenção de vínculos primários de forma a flexibilizar a existência de vínculos. As redes neste tipo de comunidade tendem a ser muito densas e homogéneas, embora em alguns casos possam haver relações fora do bairro. Os vínculos da rede variam de intensidade, mas a maior parte são fortes, com





tendência para que as redes sejam mais densas e extensivas. Estas comunidades são vistas como capazes de se auto-organizar sob qualquer circunstância, seja em situação de pobreza, pressão ou catástrofe. A autoridade é mantida localmente, assim como, o controlo dos seus membros.

Na *Community Liberated* (*idem*, 1979) acredita-se que os laços não se confinam ao bairro mas que existe uma rede complexa de interligações nas diferentes comunidades, atribuindo-se esta característica a uma facilidade crescente de comunicação e transporte, a uma separação do local de habitação do local de trabalho e crescente percentagem de mobilidade social e residencial. Neste caso as redes são vagamente delimitadas, com estruturas ramificadas para o exterior de forma a ter vínculos com pessoas externas ao bairro e aos recursos adicionais que isso acarreta, variando a intensidade dos vínculos. Relativamente à imagem desta comunidade pode dizer-se que a cidade é organizada através de redes dentro de uma rede, de forma a providenciar uma estrutura flexível no sentido de que o indivíduo pode mover-se entre várias redes sociais. Estas podem ser mobilizadas e, quando não existem, podem ser construídas no sentido do indivíduo conseguir encontrar suporte. No entanto, a eficácia destas construções ainda não foi demonstrada.

Wellman e Leighton (1979) concluíram que os indivíduos possuem vários laços fortes e que conseguem obter suporte através de uma serie de relações, no entanto, apenas uma pequena parte destes indivíduos mantém laços íntimos no seu bairro. Estes autores acreditam que uma análise de rede pode dizer que laços permanecem abundantes e importantes para o indivíduo e se estes se localizam ou não no bairro, assim a análise de redes, segundo esta perspectiva, é mais eficaz do que o tradicional foco no estudo de bairro, visto que os estudos de bairro tradicionais tendem a focar-se mais nas características sociodemográficas e socioprofissionais dos seus residentes e não tanto com as características relacionais próprias da análise de rede.

Em Portugal, Soczka (1988) realizou um estudo no **bairro da Musgueira** em Lisboa, um bairro caracterizado pelo autor como “bairro pobre incrustado como *ghetto* no tecido urbano” (Soczka, 1988:324). No entanto reafirma a ideia que a pobreza residencial dos espaços urbanos não significa necessariamente desejo de mudança relativamente ao meio habitacional, normalmente os residentes de bairros degradados são contrários a iniciativas municipais que os realojem não importa de que maneira, ressaltando o sentimento de pertença dos residentes ao seu bairro, “lugar quotidiano de intercâmbios sociais e funcionais numa comunidade de vizinhança rica em afectos, que as feias e tristes fachadas dos prédios semi-arruinados tendiam a esconder ao observador



desprevenido” (*idem*:324). Nesta perspectiva, o mosaico urbano surge-nos cada vez mais como uma complicada rede de subculturas, em que uma cultura dominante acaba por deter os privilégios dos acessos aos lugares de decisão da administração municipal. As subculturas minoritárias (como o caso da Musgueira) são encaradas numa óptica distorcida pelas suas próprias relações e identidades subculturais, não raras vezes gerando-se conflitos a médio, curto ou longo prazo, por uma mera questão de falta de comunicação entre estes “mundos próprios” (*ibidem*).

Estes estudos realizados na Musgueira Sul (Soczka *et al.*, 1985, 1987, 1988) permitem afirmar que a proximidade de vizinhança dita as relações quotidianas e fundamenta as estratégias de suporte económico e afectivo. As territorialidades foram igualmente considerados como bastante marcadas neste bairro, a avaliar pela importância que a rua desempenha enquanto prolongamento da casa, juntamente com a taberna, associação ou fontanário.

Num destes estudos, com uma amostra de 46 famílias (111 indivíduos) da Musgueira Sul, Soczka (1988) concluiu que cerca de 63% dos indivíduos referiram que a Musgueira é o local onde desejariam residir, predominando opiniões positivas em relação ao bairro e ao seu ambiente. O autor acrescenta mesmo que existe um sentimento de segurança que o bairro, enquanto comunidade assente basicamente em redes de vizinhança, assegura um manifesto controlo social dos espaços. Grande parte dos entrevistados (cerca de 80%) apontaram os vizinhos da Musgueira Sul como aqueles que gostariam de ter em caso de mudança de residência, aliás, 62,2% da amostra refere mesmo gostar das pessoas aí residentes, apontando as justificações para a valorização da interacção positiva entre as pessoas aí residentes.

A situação anteriormente descrita realça a importância da relação entre vizinhos que se manifesta na população entrevistada, esta relação traduz-se pela existência de redes de suporte, nomeadamente afectivo, económico e físico – “redes informais assentes em grupos vivendo em grande proximidade espacial” (Soczka, 1988:328).

Wellman (1996) numa análise do estudo de redes sociais em Toronto contrariou alguns estudos anteriormente realizados que defendiam que os vínculos com pessoas demograficamente próximas representam apenas uma minoria dos laços activos dos indivíduos e que ao longo do tempo as relações de bairro não eram de facto muito importantes. O autor mostra que a frequência de contactos é tão importante como os vínculos mais fortes. Wellman (1996) observou que os laços mais íntimos não eram de facto com as relações de vizinhança, que os vínculos activos com vizinhos e colegas de trabalho são normalmente mais fracos e têm menos durabilidade do que os vínculos com





amigos e familiares. No entanto, baseado no estudo da frequência de contactos Wellman (1996) chegou à conclusão que os vínculos activos numa rede social são de pessoas próximos geograficamente. Quando se operacionaliza e define frequência de contactos sendo aqueles que são face-a-face ou que implicam contacto telefónico pelo menos três vezes por semana, 42% desses laços vivem num raio de 1,5 quilómetro, ou seja, combinando as relações face-a-face e de contacto telefónico, 23% dos vínculos presentes na rede social do indivíduo vivem aproximadamente num raio de 1,5 quilómetro, e esses elementos são responsáveis por 38% dos contactos dessa rede. Embora a maioria dos contactos destes indivíduos seja fora da vizinhança, os vínculos locais são importantes fontes de interacção relacional na rotina diária das comunidades.

Wellman (1996) concluiu neste estudo que as relações comunitárias são uma minoria na rede social dos sujeitos desta amostra e que o suporte social fornecido por este quadrante também não é muito significativo (concentra-se mais no apoio material e instrumental), no entanto é nas relações locais que o indivíduo concentra a maior parte dos seus contactos.

Percebemos então que a leitura corrente faz dos bairros sociais lugares que acossariam a cidade, ao serem percebidos como a sede de indivíduos marginais e o centro de dissocialidades que afectariam o equilíbrio da urbe (Fernandes, 1997). No entanto, podemos perspectivar um bairro social como um sítio protector para o indivíduo, o local da sua rede de sociabilidades, dos seus percursos familiares, da repetição quotidiana, dos encontros e das rotinas. Partindo desta ideia, enquadrámos o nosso estudo, definindo de seguida os seus objectivos e o modelo analítico.



## OBJECTIVOS DE ESTUDO

O interesse em aprofundar o estudo das redes sociais no Bairro de Santiago em Aveiro surgiu por parte dos técnicos interventores neste contexto. Estes técnicos ao longo dos últimos anos têm sentido que os residentes deste bairro são frequentemente marginalizados e os aspectos negativos do bairro são os mais sublinhados pela comunidade em geral. É evidente que os problemas sociais presentes neste bairro não devem ser ignorados e que os técnicos cada vez mais devem equacionar formas inovadoras de intervenção. De facto, reúnem-se neste contexto condições de extrema carência económica, desemprego, delinquência, abuso e maus tratos infantis e toxicodependências e pode-se observar ao longo dos anos que estes ciclos continuam a repetir-se de geração para geração. No entanto, também existem aspectos positivos que igualmente não devem ser ignorados por parte dos técnicos, este meio constitui um local protector para o seu residente, é o meio onde desenvolve e se encontra a sua rede de suporte social (seja ao nível da família, amigos e vizinhos) e é o local que dá identidade social ao morador com todos os aspectos positivos e negativos associados a esta identidade.

Neste sentido, parece-nos importante perceber como é constituída esta rede de sociabilidades dos moradores, principalmente que características têm as relações de vizinhança. Portanto, partindo do estudo de redes de suporte social, do conceito de bairro como sistema e com base no diagnóstico do Bairro de Santiago realizado pelos técnicos que intervêm diariamente neste local vai proceder-se a uma investigação que implica a reformulação de pressupostos teóricos e respectivas variáveis.

O objectivo deste estudo é perceber a natureza destas redes de suporte social, ou seja, como se desenvolve a dinâmica dos vínculos do residente do bairro de Santiago. Assim, pretende-se perceber se a qualidade destes vínculos entre os indivíduos do bairro funciona como dimensão integradora ou não dentro e fora do bairro, assim como a relação que estes estabelecem com os diferentes quadrantes da sua rede social, dando especial importância às relações de vizinhança.

Será, então, necessário fazer uma leitura da realidade para perceber esta dinâmica das relações interpessoais que se estabelecem no bairro, para isso será fundamental fazer uma recolha de dados acerca das redes de suporte social nos seus diferentes níveis de análise, o que vai permitir obter uma visão aproximada daquilo que serão as interações relacionais do indivíduo e planificar vias de intervenção possíveis.



Numa perspectiva sistémica, o **objectivo** primordial deste estudo é a caracterização da rede de suporte social dos moradores do bairro de Santiago, procurando compreender se aspectos relacionados com a residência no bairro e a relação percebida com a vizinhança vai influenciar o suporte percebido destes indivíduos e as relações que desenvolvem com os vizinhos do bairro.

Assim, como se pode observar na Figura 1, pretendemos verificar de que forma as variáveis em estudo se relacionam, ou seja, utilizando as palavras de Ribeiro (1999) “o objectivo do investigador quando se debruça sobre um conjunto de dados é verificar a existência e a natureza das relações entre variáveis” (*idem*: 59).

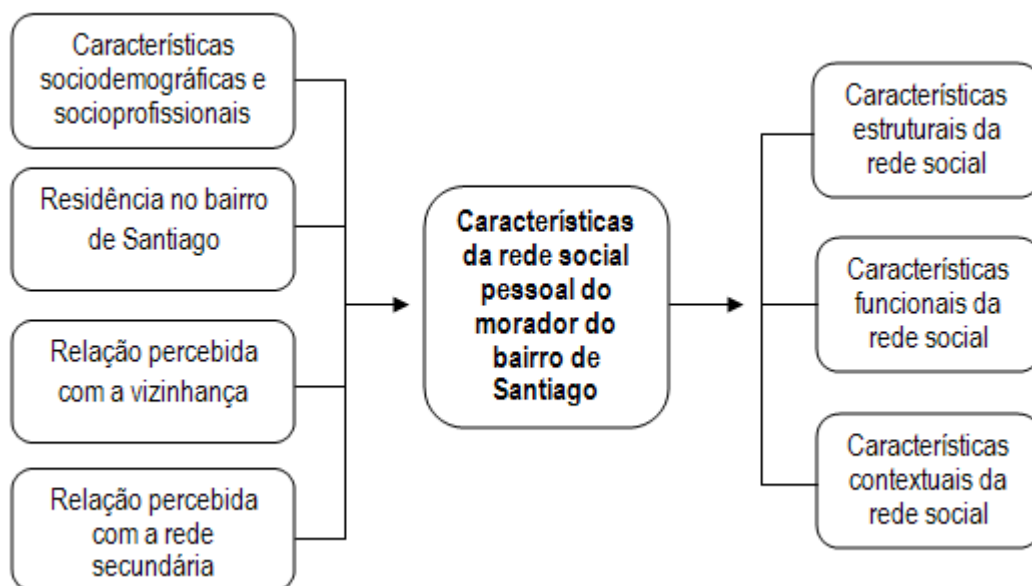


Figura n.º 1 - Modelo analítico do estudo

Partindo do pressuposto que as relações que cada indivíduo estabelece com a sua rede social podem ser um meio facilitador ou não da sua integração num determinado local contemplaram-se os seguintes grupos de variáveis: partindo das características sociodemográficas e socioprofissionais, das características da residência no bairro de Santiago, da relação percebida com a vizinhança e da relação percebida com a rede secundária procede-se à caracterização da rede social pessoal do morador do bairro de Santiago quanto às suas características estruturais (tamanho da rede, composição da rede e densidade da rede); quanto às suas características funcionais (frequência de suporte social e reciprocidade funcional da rede); e quanto às suas características contextuais (frequência de contactos entre os elementos e dispersão geográfica da rede de contactos).



Partindo deste modelo foram formuladas hipóteses que prevêem diferenças significativas quando se comparam subgrupos da amostra ou associações entre variáveis em estudo, procedendo-se a uma análise bivariada.

Assim, de acordo com o modelo, testaremos hipóteses que relacionam as características da rede de suporte social com as características sociodemográficas e socioprofissionais da amostra (tais como a associação entre o tamanho da rede e a idade e a comparação das características estruturais da rede social com o nível de instrução da amostra). Analisaremos também o tamanho do quadrante das relações de vizinhança na rede de acordo com a idade dos sujeitos da amostra, a associação entre o tamanho do quadrante das relações de vizinhança e o tempo de residência no bairro e se o facto de os sujeitos da amostra apresentarem uma actividade produtiva interfere directamente no tamanho do quadrante das relações de vizinhança. Vamos ainda analisar o tamanho da rede de suporte social dos sujeitos da amostra que consideram o bairro o local ideal de residência por oposição aos que não gostam de residir no bairro, a associação entre a relação percebida com a vizinhança e a frequência de contactos com as relações de vizinhança, e finalmente, se os sujeitos que percebem uma maior reciprocidade de apoio social na rede apresentam maior proximidade com as relações de vizinhança do que os que percebem menor reciprocidade.

As **hipóteses operacionais** deste estudo encontram-se descritas no Anexo B, no qual são tipificadas e identificadas as variáveis e os indicadores a ter em conta na análise. De seguida vão ser apresentados os principais materiais e métodos utilizados ao longo deste estudo que permitirão a operacionalização dos objectivos a que nos propomos.



## MATERIAL E MÉTODOS

### Tipo de Estudo

Este estudo constitui-se como uma investigação descritiva e transversal, que tem como variáveis centrais a rede de suporte social dos indivíduos da amostra, de forma a conhecer as características das redes da população-alvo e perceber como é que as variáveis se relacionam.

### Amostragem

Para a definição da amostra da população-alvo, teremos de partir dos dados conhecidos sobre os habitantes do bairro em causa. Sabemos que na sequência do processo de realojamento, nos anos 80 e 90, surgem o Bairro e Urbanização de Santiago, na Freguesia da Glória, com 1059 fogos de Habitação Social, onde residiam cerca de 4000 indivíduos (dados obtidos pela Divisão de Habitação da Câmara Municipal de Aveiro, no ano de 2005). Considerando estes dados, foi possível verificar que das 433 Habitações Sociais da Câmara de Aveiro, residem 2334 indivíduos, nos quais se inclui avô, avó, pai, mãe e jovens maiores de 18 anos, e 1311 crianças e jovens, nos quais se inclui netos, bisnetos, enteados e jovens menores de 18 anos. Deste modo, podemos estimar que nos 1059 fogos vivam actualmente 5400 adultos e 3200 menores de 18 anos de idade.

Para este estudo recolheu-se uma amostra não probabilística ou intencional, que pode ser definida como “amostra heterogénea em que um conjunto de elementos da variável são intencionalmente escolhidos para garantirem a amplitude da representação da variável” (Ribeiro, 1999:54), neste caso do universo dos 1059 fogos do Bairro de Santiago.

Esta investigação conta com um momento de recolha de dados, em que a **amostra** será constituída por 80 indivíduos do bairro de Santiago, que corresponde a uma amostra de 1,5% do universo. O elemento questionado foi escolhido de forma aleatória, por conveniência, podendo ter sido questionado mais do que um elemento por fogo habitacional.



## Procedimentos na Recolha de Informação

A recolha de dados decorreu de Março de 2009 a Agosto de 2009 (inclusivé). A selecção dos indivíduos constituintes da amostra realizou-se de forma intencional e por conveniência. Os principais critérios de inclusão considerados foram: indivíduos residentes no bairro de Santiago por um período mínimo de 1 ano com idade superior a 18 anos.

A colheita de dados junto da população do bairro de Santiago fez-se de acordo com os seguintes procedimentos: selecção de indivíduos por conveniência, neste caso que se encontrem disponíveis durante o período de recolha de dados de acordo com os critérios de inclusão; pedido de colaboração na pesquisa, tanto por parte dos técnicos da IPSS Florinhas do Vouga como por parte dos residentes do bairro; informação sobre os objectivos da pesquisa e sobre a confidencialidade e anonimato das respostas; e administração dos instrumentos da recolha de dados de forma individual por parte dos técnicos da instituição.

Como a IPSS Florinhas do Vouga apresenta diferentes respostas sociais com grupos alvo muito diversificados, houve uma preocupação em escolher os indivíduos de diferentes grupos etários, sexos, estado civil, naturalidade, nível de escolaridade, situação na profissão e meio de vida, de forma a obter uma amostra mais abrangente dos residentes do bairro. Como o objectivo deste estudo não era caracterizar a rede social apenas dos indivíduos que recorriam aos serviços desta instituição, mas dos residentes do bairro em geral, procurou-se inquirir também os residentes do bairro que não usufruíam dos serviços da IPSS.

Todos os participantes deste estudo são voluntários e foram informados acerca dos objectivos da investigação em curso. Na recolha de dados o registo foi efectuado de forma a salvaguardar a confidencialidade (recorrendo-se para tal a um número identificativo), os dados foram recolhidos tendo como único destino a construção da base de dados para esta investigação. Os benefícios esperados decorrem dos resultados do estudo e da sua divulgação.



## Características da Amostra

A amostra é constituída por 80 residentes no Bairro de Santiago, sendo caracterizada a nível sociodemográfico e socioprofissional.

A amostra em estudo divide-se entre 30 homens e 50 mulheres, representando as mulheres a maioria da amostra. Relativamente ao estado civil, como se pode observar no Quadro n.º 1, 30% dos sujeitos são casados com registo, logo seguido dos solteiros que representam 26% da amostra, os divorciados que representam 16%, os casados sem registo (13%), viúvos (11%) e os separados de facto menos representativos com 3%.

Quadro n.º 1 - Sexo e estado civil da amostra		
	n	%
<b>Sexo</b>		
Masculino	30	37,5
Feminino	50	62,5
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100</b>
<b>Estado civil</b>		
Solteiro	21	26,3
Casado com registo	24	30
Casado sem registo	10	12,5
Separado de facto	3	3,8
Divorciado	13	16,3
Viúvo	9	11,3
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100</b>

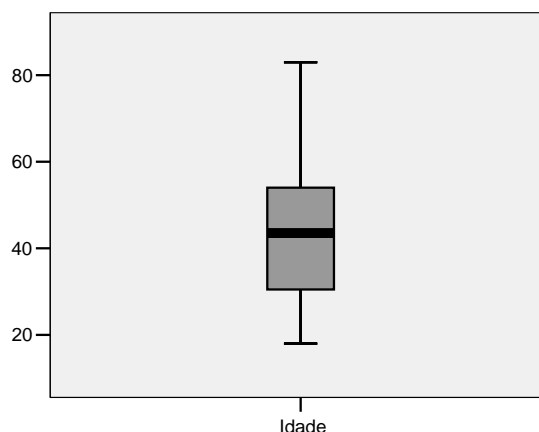
A média de idades da amostra é de 44 anos ( $\bar{x}=44,18$ ;  $Me=43,5$ ;  $s=16,32$ ), sendo que 23% da amostra apresenta idades compreendidas entre os 25 e os 34 anos, logo seguido pelo grupo etário dos 35 a 44 anos e dos 45 a 55 anos, os restantes grupos são menos representativos, como se pode observar no Quadro n.º 2. Assim, 63% dos indivíduos tem idades compreendidas entre os 25 e os 55 anos.

A distribuição das idades apresenta uma amplitude de 65 anos, variando entre os 18 e os 83 anos de idade. A amostra apresenta uma distribuição nas idades que rejeita a normalidade ( $K-S=0,071$ ;  $gl=80$ ;  $p=0,200$ ) como se pode observar no Gráfico n.º 1.



Gráfico n.º 1 - Caixa de bigodes para a idade

Quadro n.º 2 - Grupo etário da amostra		
	n	%
<b>Grupo etário</b>		
18-24	10	12,5
25-34	18	22,5
35-44	16	20
45-55	16	20
55-64	10	12,5
>65	10	12,5
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100</b>



Relativamente ao nível de instrução, 65 sujeitos (81%) apresentam níveis de instrução abaixo do obrigatório na actualidade, que é o 3º ciclo do ensino básico, sendo que 6,3% não possuem qualquer tipo de instrução. Apenas um número pouco significativo de indivíduos declara ter o ensino secundário e o ensino superior, como se pode observar no Quadro n.º 3.

Quadro n.º 3 - Nível de instrução da amostra		
	n	%
<b>Nível de instrução</b>		
Sem instrução	5	6,3
Ensino básico 1º ciclo	35	43,8
Ensino básico 2º ciclo	25	31,3
Ensino básico 3º ciclo	7	8,8
Ensino secundário	6	7,5
Ensino superior	2	2,5
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100</b>

Quanto ao meio de vida 41% dos sujeitos da amostra vive dos rendimentos do trabalho, seguindo-se os que vivem a cargo da família com 20%, que são sobretudo os desempregados, estudantes e domésticas. Os que recebem uma pensão representam 19% da amostra. Quanto à situação na profissão o número de trabalhadores por conta de outrem assume o valor mais alto de 40%, que são na sua maioria Pessoal dos Serviços e Vendedores e Trabalhadores Não Qualificados (cf. Anexo E) de seguida temos os desempregados com 33% de representatividade na amostra, como se pode observar no Quadro n.º 4.





Quadro n.º 4 - Principal meio de vida e situação na profissão da amostra		
	n	%
<b>Principal meio de vida</b>		
Rendimento do trabalho	33	41,3
A cargo da família	16	20
Pensão	15	18,8
Rendimentos (propriedade/empresa)	3	3,8
Subsídio de desemprego	2	2,5
Rendimento social de inserção	1	1,3
Apoio social (outros)	10	12,5
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100</b>
<b>Situação na profissão</b>		
Trabalhador por conta de outrem	32	40
Trabalhador por conta própria/isolado	1	1,3
Trabalhador familiar não remunerado (doméstico)	3	3,8
Desempregado	26	32,5
Estudante	3	3,8
Reformado	11	13,8
Incapacidade perante o trabalho (invalidez)	4	5
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100</b>

Ao identificar as características sociodemográficas e socioprofissionais da nossa amostra, podemos destacar que a maioria são sujeitos do sexo feminino, casados com registo, com idades entre os 25 e os 55, vivem do rendimento do trabalho e trabalham por conta de outrem.

## Instrumentos de Recolha de Dados: Variáveis e Características Psicométricas

Neste estudo foram utilizados três instrumentos de recolha de dados: o questionário de caracterização, o Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal e o eco-mapa, que passamos a descrever de seguida, assim como as suas variáveis e características psicométricas.

### Questionário de caracterização

O questionário de caracterização tem o objectivo de caracterizar sumariamente os sujeitos-alvo de investigação (*cf.* Anexo C). Foram recolhidos dados relativamente à sua caracterização sociodemográfica e socioprofissional e sociofamiliar, ao nível de sexo, idade, estado civil, naturalidade, nível de escolaridade, situação na profissão, profissão que exerce, meio de vida e composição do agregado familiar. Foram também recolhidos dados relativamente à caracterização da situação habitacional dos indivíduos, que inclui o regime de alojamento, local ideal de residência, se mudou alguma vez de residência e o motivo. Foram ainda recolhidos dados da caracterização da relação percebida com a



vizinhança, nomeadamente a proximidade com os vizinhos e sobre a satisfação com a vizinhança. A descrição e codificação das variáveis encontra-se no Anexo D.

### **IARSP – Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal**

O Instrumento de Avaliação das Redes Sociais Pessoais (Guadalupe & Alarcão, *in* Guadalupe, 2009) permite analisar as características estruturais, funcionais e contextuais das redes de suporte social. O IARSP foi redefinido e alterado quanto às suas configurações e conteúdos denotando uma enorme capacidade de adaptação aos contextos de acordo com o que se está a investigar. No entanto “há que referir que este construto não é unidimensional nem utiliza uma escala única de respostas” (Guadalupe, 2000:105).

Para este estudo o IARSP foi adaptado para ser aplicado aos moradores do Bairro de Santiago (*cf.* Anexo C). O IARSP aplicado instrumento de investigação contempla as seguintes variáveis: número de elementos da rede, elementos da rede, o vínculo (tipo de relação), a frequência de contactos, residência e distância (adaptado ao bairro de Santiago), o tipo de apoio (emocional, material e informativo), a reciprocidade do apoio e a densidade da rede de elementos. Ou seja, com esta informação é possível uma caracterização da rede nos seus diferentes níveis. No Anexo D são descritas as variáveis das dimensões estrutural, funcional e contextual da rede avaliadas a partir deste instrumento.

### **Eco-mapa**

O eco-mapa foi proposto por Ann Hartman em 1975 e descrito em 1983 por Ann Hartman e Joan Laird (Guadalupe, 2009:90). Este instrumento representa a rede social num formato que associa o mapa da rede familiar ao conhecido genograma, oferecendo a possibilidade de aplicar a situações e problemas apresentados pelo sujeito ou sistema familiar (*idem*).

O eco-mapa pode configurar-se livremente ou de forma mais sistematizada, com uma estrutura predefinida que permita ser utilizada para fins específicos de avaliação ou investigação apesar de ser um instrumento de fácil adaptação (Guadalupe, 2009), como é o caso do eco-mapa utilizado nesta investigação. No entanto existem aspectos comuns que são observados neste instrumento, como a identificação do sistema (indivíduo ou família), a identificação dos sistemas com os quais o indivíduo ou família se relacionam, as relações entre estes sistemas (a sua natureza) e os fluxos de energia presentes. Esta



investigação vai usar este instrumento de forma a tentar perceber como é constituída a rede secundária dos indivíduos alvo de investigação.

No Anexo D estão descritas as variáveis utilizadas para a avaliação do tamanho e da relação percebida com a rede secundária presente no eco-mapa.

## Tratamento Estatístico dos Dados

Para o tratamento estatístico dos dados utilizou-se a versão 13.0 do programa informático *SPSS (Statistical Package for Social Sciences)* para a versão do *Windows* da *SPSS Inc.* Foram utilizados diversos procedimentos estatísticos de acordo com a etapa e o tipo de variáveis em estudo. Os domínios estatísticos serão essencialmente os do descritivo, correlacional e inferencial. Foi ainda utilizado software específico como o *UCINET* versão 6.164, *NetDraw* 2.072 e o *SmartDraw* 2009.



## APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

### Residência no Bairro de Santiago

As características habitacionais constituem um factor relevante na análise deste estudo, nomeadamente a naturalidade, o tempo de residência no bairro, o regime de alojamento, a composição do agregado familiar, a mudança de residência e motivo em caso de mudança de residência. Relativamente à naturalidade dos inquiridos 44% dos sujeitos da amostra são naturais da freguesia da Glória, freguesia onde se situa o Bairro Santiago, 36% são naturais de outra freguesia de Aveiro e 15% de outra cidade de Portugal, como se pode observar no Quadro n.º 5.

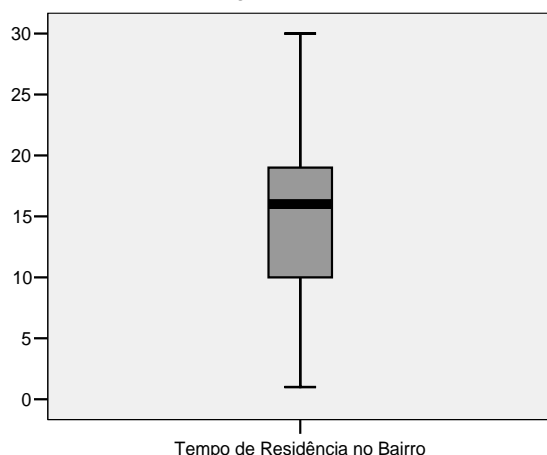
Quadro n.º 5 - Naturalidade da amostra		
	n	%
<b>Naturalidade</b>		
Freguesia da Glória	35	43,8
Outra freguesia de Aveiro	29	36,3
Outra cidade de Portugal	12	15
Estrangeiro	4	5
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100</b>

A média de tempo de residência no bairro da amostra é de 15 anos ( $\bar{x}=14,89$ ;  $Me=16$ ;  $s=6,78$ ). Como se pode observar no Quadro n.º 6, 36% dos sujeitos vivem no bairro há 16-20 anos, de seguida com 19% temos os sujeitos que vivem há 12-15 anos e com 18% os que residem há 7-11 anos no bairro. Assim, a maioria dos indivíduos inquiridos reside no bairro num período de tempo entre 7 a 20 anos.

Quadro n.º 6 - Tempo de residência da amostra no bairro		
	n	%
<b>Tempo de residência</b>		
<= 1	4	5
2-6	5	6,3
7-11	14	17,5
12-15	15	18,8
16-20	29	36,3
21-25	10	12,5
>=26	3	3,8
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100</b>



Gráfico n.º 2 - Caixa de bigodes para o tempo de residência



A distribuição do tempo de residência no bairro tem uma amplitude de 29 anos, variando entre 1 a 30 anos. Como se pode observar no Gráfico n.º 2 a amostra apresenta uma distribuição no tempo de residência que rejeita a normalidade ( $K-S=0,169$ ;  $gl=80$ ;  $p=0,000$ ).

Quanto ao regime de alojamento, como se pode observar no Quadro n.º 7, 81% dos sujeitos inquiridos encontra-se numa habitação arrendada, na sua maioria à Câmara Municipal de Aveiro e ao Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana. Apenas 19% dos inquiridos referiu que residiam em habitação própria.

Quadro n.º 7 - Regime de alojamento da amostra		
	n	%
<b>Regime de alojamento</b>		
Ocupado pelo proprietário	15	18,8
Arrendado	65	81,3
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100</b>

Como se pode observar no Quadro n.º 8, quanto ao agregado familiar 35% dos sujeitos da amostra possuem famílias com uma composição essencialmente nuclear, 20% apresentam famílias nucleares truncadas, 13% famílias nucleares alargadas e 14% famílias nucleares truncadas e alargadas. É importante referir que um número significativo, 9% de inquiridos vive isolado e 10% vive no contexto de outro tipo de famílias, como com irmãos ou primos de uma só geração.

Quadro n.º 8 - Agregado familiar da amostra		
	n	%
<b>Tipo de família</b>		
Família nuclear	28	35
Família nuclear truncada	16	20
Família nuclear alargada	10	12,5
Família nuclear truncada e alargada	11	13,8
Isolado	7	8,8
Outro tipo de família	8	10
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100</b>



Como se pode observar no Quadro n.º 9, 70% dos inquiridos referiu que mudou de residência, ou seja, mudou o local de residência para o bairro, quando questionados relativamente ao motivo dessa mudança 54% referiu razões económicas, visto que a maioria dos sujeitos concorreram no passado para processo de realojamento com vista a reunir melhores condições de habitabilidade.

Quadro n.º 9 - Mudança de residência e motivo da mudança		
	n	%
<b>Mudança de residência</b>		
Sim	56	70
Não	24	30
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100</b>
<b>Motivo da mudança de residência</b>		
Motivo familiar	15	26,8
Motivo económico	30	53,6
Motivo profissional	1	2
Motivo familiar e económico	8	14
Outro motivo	2	3,6
<b>Total</b>	<b>56</b>	<b>100</b>

Finalmente, os indivíduos foram questionados relativamente a qual seria o seu local ideal de residência, como se pode observar no Quadro n.º 10, nesta questão não houve consenso, 46% da amostra respondeu que o bairro é o seu local ideal de residência e 46% da amostra respondeu que gostaria de viver em Aveiro mas noutro local sem ser o bairro. Apenas 7,5% respondeu que gostaria de viver noutro local fora de Aveiro.

Quadro n.º 10 - Local ideal de residência		
	n	%
<b>Local ideal de residência</b>		
No bairro	37	46,3
Outro local em Aveiro	37	46,3
Outro local fora de Aveiro	6	7,5
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100</b>

Em síntese, relativamente à residência no bairro de Santiago a maior parte dos inquiridos é natural da freguesia da Glória, vive com a família nuclear e tem um tempo de residência no bairro de 16 a 20 anos. Quanto ao regime de alojamento a maior parte das casas dos inquiridos são arrendadas. A maioria dos sujeitos da amostra referiu ainda que o bairro de Santiago não é a sua primeira residência estando os motivos económicos na sua origem. Relativamente ao local ideal de residência não encontramos consenso.



## Relação Percebida com a Vizinhança

A relação percebida que o sujeito estabelece com a vizinhança é um indicador relevante no nosso estudo, nomeadamente a proximidade percebida com a vizinhança e se na possibilidade de ocorrer uma mudança de residência do bairro para outro local iriam manter os vizinhos actuais ou escolheriam outras pessoas conhecidas ou desconhecidas como vizinhas. Relativamente à proximidade com a vizinhança, como se pode observar no Quadro n.º 11, 34% dos inquiridos referiu que tem uma relação muito próxima com os vizinhos (“falo com eles todos os dias”) e 31% referiram ter uma relação próxima (“recorro a eles sempre que preciso”), sendo que 33% referiram ter uma relação pouco próxima (“é raro falar com eles”). Apenas 3% dos sujeitos da amostra referiram ter uma relação com a vizinhança nada próxima (“evito encontrar-me com eles”).

Quando questionados relativamente a quem gostaria de ter como vizinhos em caso de mudança de residência 65% da amostra refere que gosta dos vizinhos que tem, independentemente da proximidade percebida com a vizinhança, 31% refere que gostaria de ter outras pessoas conhecidas como vizinhos e 4% refere que gostaria de ter outras pessoas desconhecidas como vizinhos. A maior parte dos sujeitos da amostra gostaria de manter os vizinhos que tem em caso de mudança.

Quadro n.º 11 - Relação percebida com a vizinhança		
	n	%
<b>Proximidade com a vizinhança</b>		
Muito próxima	27	33,8
Próxima	25	31,3
Pouco próxima	26	32,5
Nada próxima	2	2,5
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100</b>
<b>Quem gostaria de ter como vizinhos</b>		
Gosto dos vizinhos que tenho agora	52	65
Gostaria de ter outras pessoas conhecidas como vizinhos	25	31,3
Gostaria de ter outras pessoas desconhecidas como vizinhos	3	3,8
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100</b>

Sintetizando, relativamente à relação percebida com a vizinhança uma grande parte dos inquiridos refere que tem uma relação muito próxima e com os vizinhos. A maioria dos inquiridos refere ainda que em caso de mudança gostaria de manter os actuais vizinhos.



## Rede de Suporte Social dos Residentes do Bairro de Santiago

### Características estruturais da rede de suporte social

O tamanho da rede é um indicador importante quando se estudam os aspectos estruturais da rede de suporte social. Assim, quanto ao tamanho as redes de apoio dos moradores do bairro de Santiago estes apresentam em média 10 elementos por rede. Como se pode observar no Quadro n.º 12, 51% dos indivíduos apresenta uma rede de suporte social com 9 a 14 elementos, 34% apresenta uma rede com 2 a 8 elementos e apenas 15% dos indivíduos apresenta uma rede com mais de 15 elementos. A moda do tamanho da rede social é de 8 elementos por sujeito (em 13 casos).

Quadro n.º 12 - Tamanho da rede de suporte social			
Tamanho da rede em classes	n	%	
2 a 8 elementos	27	33,8	
9 a 14 elementos	41	51,3	
15 e mais elementos	12	15	
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100</b>	
Tamanho da rede	$\bar{x}$	s	Amplitude (mí-máx)
Estatística descritiva para o tamanho da rede	9,56	4,73	25(2-27)

A distribuição para o tamanho da rede rejeita a normalidade ( $K-S=0,176$ ;  $gl=80$ ;  $p=0,000$ ) e é enviesada à esquerda ou assimétrica negativa ( $sk=1,514$ ;  $e=0,269$ ), como se pode observar no Gráfico n.º 3 e Gráfico n.º 4.

Gráfico n.º 4 - Distribuição do tamanho da rede

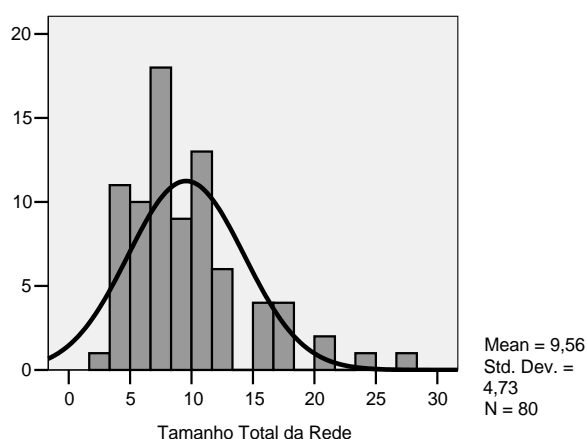
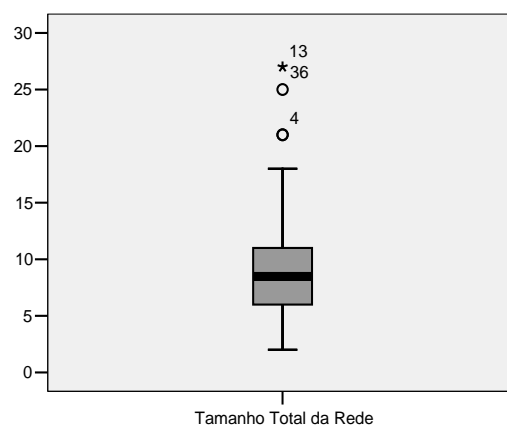


Gráfico n.º 3 - Caixa de bigodes para o tamanho da rede







Quanto à composição da rede, 80% dos sujeitos da amostra apresenta uma rede primária, cujos membros se relacionam com base em vínculos afetivos fora de um quadro institucional (família, amigos, colegas e vizinhos), 10% dos sujeitos apresenta uma rede primária combinada com a rede secundária, que são a combinação das primeiras com as redes secundárias, 10% dos sujeitos inquiridos apresenta redes exclusivamente compostas por vínculos familiares como se pode observar no Quadro n.º 13.

Pode ainda observar-se no Quadro n.º 13 a distribuição quanto à quantidade de quadrantes, 41% dos sujeitos da amostra concentra a sua rede em dois quadrantes e 41% dos sujeitos da amostra apresenta redes com três quadrantes. Os sujeitos com quatro quadrantes são menos, correspondendo a 8% dos inquiridos. Percebe-se que esta distribuição está associada a uma diversidade média do suporte, visto que pode encontrar-se maior diversidade funcional em distribuições mais amplas e menor diversidade quando se concentram num só quadrante.

Quadro n.º 13 - Quadrantes na composição da rede		
	n	%
<b>Tipo de rede quanto à composição</b>		
Rede familiar	8	10
Rede primária	64	80
Rede primária e secundária	8	10
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100</b>
<b>Distribuição: quantidade de quadrantes</b>		
Rede com 1 quadrante	8	10
Rede com 2 quadrante	33	41,3
Rede com 3 quadrante	33	41,3
Rede com 4 quadrante	6	7,5
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100</b>

Relativamente ao tamanho dos quadrantes pode observar-se no Quadro n.º 14 que as relações familiares são as que têm um peso maior na rede ( $\bar{x}=5$ ; 55,41%); de seguida temos as relações de trabalho e/ou estudo ( $\bar{x}=3,48$ ; 31,7%); as relações de vizinhança apesar de terem por média 3 elementos ( $\bar{x}=2,89$ ) têm um peso de 31% no tamanho total da rede; as relações de amizade ( $\bar{x}=3,16$ ; 29,3%) e as relações institucionais são as referidas como menos significativas nas redes da amostra ( $\bar{x}=2$ ; 28,13%).



Quadro n.º 14 - Tamanho e proporção dos quadrantes da rede de suporte social			
	Média	Desvio-padrão	Amplitude (Min-Máx)
<b>Tamanho dos quadrantes da rede</b>			
Relações familiares	5	2,86	16 (1-17)
Relações de amizade	3,16	2,43	9 (1-10)
Relações de vizinhança	2,89	2,29	11 (1-12)
Relações de trabalho/estudo	3,48	2,71	11 (0-11)
Relações institucionais	2	1,32	4 (0-4)
<b>Proporção ocupada pelos quadrantes no tamanho da rede (em percentagem)</b>			
Relações familiares	55,41	23,34	83 (17-100)
Relações de amizade	29,3	18,37	80 (0-80)
Relações de vizinhança	30,53	19,3	62 (9-71)
Relações de trabalho/estudo	31,7	17,94	77 (6-83)
Relações institucionais	28,13	17,86	48 (12-60)

Quanto à densidade da rede, que se refere ao grau de conexão entre os membros da rede social pessoal (que pode ser coesa, fragmentada ou dispersa), neste estudo não foram encontradas redes sociais pessoais com características de rede dispersa. A maioria dos sujeitos da amostra apresenta redes coesas, ou seja 70% dos inquiridos, como se pode observar no Quadro n.º 15. Cruzando as variáveis temos de assinalar que todas as redes consideradas fragmentadas foram aquelas que tinham níveis de densidade abaixo dos 80% (exclusive) no programa específico de análise de redes, o UCINET.

Quadro n.º 15 - Densidade da rede de suporte social			
	n	%	
<b>Densidade da rede</b>			
Rede coesa	56	70	
Rede Fragmentada	24	30	
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100</b>	
<b>Nível de densidade da rede em classes</b>			
33,33 - 55,55	12	15	
55,56 – 77,78	12	15	
77,79 e mais	56	70	
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100</b>	
<b>Nível de densidade da rede</b>			
	$\bar{x}$	<b>s</b>	<b>Amplitude (mi-máx)</b>
Estatística descritiva para a densidade da rede	86,11	20,30	66,7 (33,33-100)

A densidade da rede permite-nos representar a conexão entre os membros da rede, acedendo qualitativamente à disposição da mesma relativamente ao sujeito central (ego) e dos membros entre si. Como se pode observar da Figura n.º 3 a n.º 6, destacámos algumas das configurações típicas e atípicas que encontrámos na nossa amostra.



Na rede do caso 11 representado na Figura n.º 2 encontramos algumas características estruturais típicas nesta amostra. Este sujeito tem uma rede constituída por 10 elementos, é uma rede coesa com 100% de densidade, composta por dois quadrantes, o das relações familiares e das relações de vizinhança.

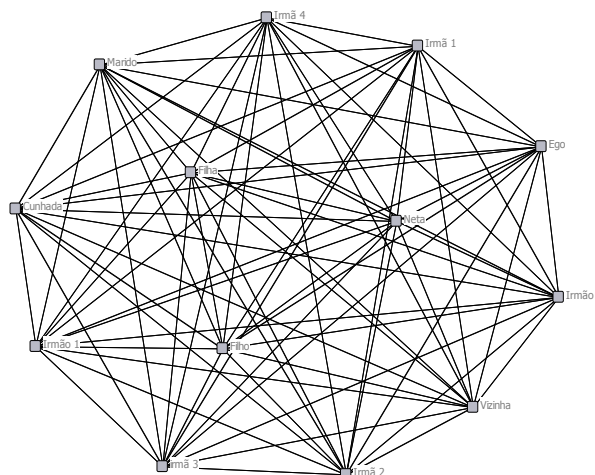


Figura n.º 2 - Representação da rede do caso 11

Outro exemplo em que não é tão clara a fragmentação da rede é o caso 70 representado na Figura n.º 3. Neste exemplo o sujeito apresenta uma rede com 15 elementos e três quadrantes (relações familiares, relações de amizade e relações de vizinhança). O nível de densidade é de 70%, pode ser considerada uma rede fragmentada, no entanto apresenta mais ligações entre os quadrantes que o exemplos posteriores.

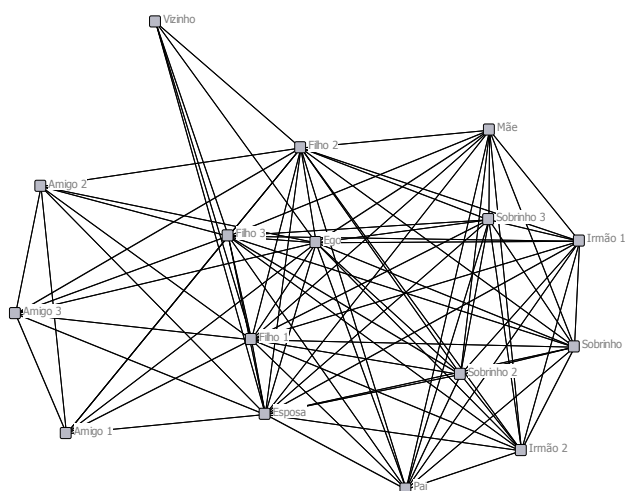


Figura n.º 3 - Representação da rede do caso 70



A rede do caso 63, representada na Figura n.º 4, relativamente à composição apresenta um tamanho de 12 elementos e de três quadrantes, o das relações familiares, relações de amizade e relações de trabalho, no entanto apresenta um nível de densidade de 53%, inferior ao anterior, sendo esta caracterizada como rede fragmentada, pois não existe uma única ponte de ligação entre as relações de trabalho e os restantes membros da rede.

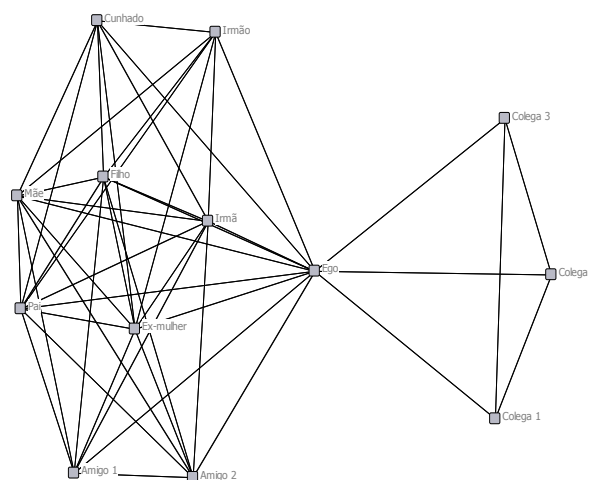


Figura n.º 4 - Representação da rede do caso 63

No caso 54 a rede apresenta uma configuração com um nível de densidade mais baixo (33%) que o apresentado nos exemplos anteriores. Neste caso existe claramente uma distinção entre os três quadrantes (as relações familiares, relações de amizade e relações com os serviços).

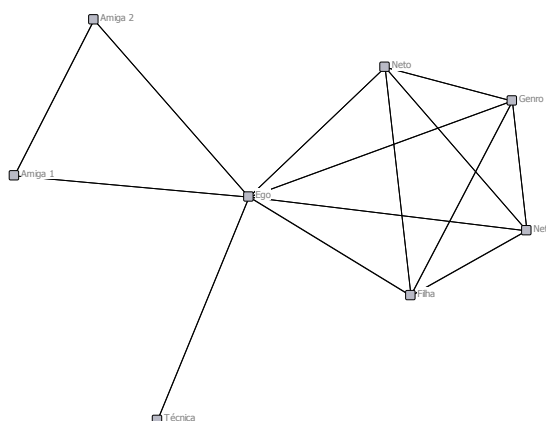


Figura n.º 5 - Representação da rede do caso 54



### Características funcionais da rede de suporte social

A frequência do apoio social recebido na rede foi avaliada com base numa escala de cinco pontos, que reflecte o nível no qual o sujeito recebe apoio emocional, material e/ou instrumental e informativo dos membros da sua rede. Dos inquiridos, 48% declaram receber muito apoio emocional, 35% declaram receber um apoio moderado e 13% muitíssimo apoio, registando-se número muito reduzido de sujeitos que refira ter pouco apoio e ninguém ter declarado não receber apoio emocional como se pode observar no Quadro n.º 16. Relativamente ao apoio material e/ou instrumental a maior parte dos inquiridos, 40%, refere receber um apoio moderado o mesmo se passando com o apoio informativo.

Quanto à reciprocidade do apoio 43% dos sujeitos refere que dá apoio a algumas destas pessoas, 40% refere dar apoio à maior parte destas pessoas e apenas 1% refere que não dá nenhum apoio às pessoas que constituem a sua rede de suporte social.

Quadro n.º 16 - Características funcionais da rede de suporte social			
		n	%
<b>Frequência do suporte social na rede</b>			
Frequência de suporte emocional	Nenhum	0	0
	Pouco	4	5
	Moderado	28	35
	Muito	38	47,5
	Muitíssimo	10	12,5
<b>Total</b>		<b>80</b>	<b>100</b>
Frequência de suporte material e/ou instrumental	Nenhum	2	2,5
	Pouco	21	26,3
	Moderado	32	40
	Muito	22	27,5
	Muitíssimo	3	3,8
<b>Total</b>		<b>80</b>	<b>100</b>
Frequência de suporte informativo	Nenhum	0	0
	Pouco	11	13,8
	Moderado	34	42,5
	Muito	31	38,8
	Muitíssimo	4	5
<b>Total</b>		<b>80</b>	<b>100</b>
<b>Reciprocidade funcional na rede</b>			
Não dá apoio a nenhuma destas pessoas		1	1,3
Dá apoio a muito poucas destas pessoas		2	2,5
Dá apoio a poucas destas pessoas		11	13,8
Dá apoio a algumas destas pessoas		34	42,5
Dá apoio à maior parte destas pessoas		32	40
<b>Total</b>		<b>80</b>	<b>100</b>



## Características contextuais da rede de suporte social

Relativamente às características contextuais da rede social pode observar-se que o sujeito e os membros da sua rede quanto à frequência de contactos apresentam na sua maior parte contactos diários com os restantes elementos (49%), não existindo referência a indivíduos que contactam a sua rede apenas algumas vezes por mês ou por ano, como se pode observar no Quadro n.º 17. A média da frequência de contactos do sujeito da amostra com a sua rede é de 1,56 que se situa entre os contactos diários e os contactos algumas vezes por semana ( $\bar{x}=1,56$ ;  $Me=2$ ;  $Mo=1$ ).

Quadro n.º 17 - Frequência de contactos com os elementos da rede		
	n	%
<b>Frequência de contactos</b>		
Diariamente	39	48,8
Algumas vezes por semana	37	46,3
Semanalmente	4	5
Algumas vezes por mês	0	0
Algumas vezes por ano	0	0
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100</b>

Importa referir, como se pode observar no Quadro n.º 18, que quando separamos os diferentes quadrantes encontramos uma frequência de contactos muito idêntica, no entanto, nas relações familiares a média de frequência de contactos é diária, assim como nas relações de trabalho e/ou estudo e nas relações de vizinhança. Nas relações de amizade e nas relações institucionais a frequência de contactos é de algumas vezes por semana (cf. Anexo F).

Quadro n.º 18 - Frequência de contactos com os elementos da rede por quadrante			
	$\bar{x}$	s	Amplitude (mi-máx)
<b>Frequência de contactos por quadrante</b>			
Estatística descritiva para a frequência de contactos com as relações familiares	1,46	0,69	3 (1-4)
Estatística descritiva para a frequência de contactos com as relações de amizade	1,89	0,80	3 (1-4)
Estatística descritiva para a frequência de contactos com as relações de trabalho e/ou estudo	1,15	0,37	1 (1-2)
Estatística descritiva para a frequência de contactos com as relações de vizinhança	1,38	0,53	2 (1-3)
Estatística descritiva para a frequência de contactos com as relações institucionais	2,38	0,92	3 (1-4)



Quanto à dispersão geográfica da rede 54% dos elementos da rede social do sujeito residem no bairro de Santiago, como se pode observar no Quadro n.º 19, quanto à dispersão a rede concentra-se geograficamente próxima do sujeito não se registando indivíduos que tenham a sua rede social a residir nos arredores e fora de Aveiro (cf. Anexo F).

Quadro n.º 19 - Dispersão geográfica da rede		
	n	%
<b>Distância de residência</b>		
Na Mesma Casa	5	6,3
No Bairro de Santiago	43	53,8
Em Aveiro	32	40
Arredores de Aveiro	0	0
Fora de Aveiro	0	0
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100</b>

Relativamente às características da rede social de suporte dos residentes do bairro de Santiago a maior parte dos sujeitos da amostra apresenta uma rede com 9 a 14 elementos, composta pela rede primária onde as relações familiares têm uma proporção maior relativamente aos restantes quadrantes. Quanto à densidade estas redes são na sua maior parte coesas. A amostra refere que tem muito apoio ao nível emocional e um apoio moderado ao nível material e/ou instrumental e informativo, relativamente às características funcionais. Na reciprocidade do apoio os sujeitos referem que dão apoio a algumas das pessoas que constituem a sua rede. Os sujeitos da amostra acrescentam que contactam diariamente com a maior parte dos elementos da rede, residindo estes na sua maior parte no bairro de Santiago.



## Relação Percebida com a Rede Secundária

O tamanho e a relação percebida que o sujeito estabelece com a sua rede secundária é uma variável importante, não só no sentido de potenciar recursos materiais, instrumentais e informativos, mas também no sentido de permitir um acesso a contactos nas relações formais que poderão activar ou desenvolver não só a rede secundária mas também a primária. Quanto ao tamanho da rede secundária, como se pode observar no Gráfico n.º 5 e Gráfico n.º 6, os sujeitos inquiridos apresentam um tamanho médio de três instituições ( $\bar{x}=2,90$ ;  $Me=3$ ;  $Mo=3$ ;  $s=1,499$ ).

Gráfico n.º 6 - Distribuição do tamanho da rede secundária

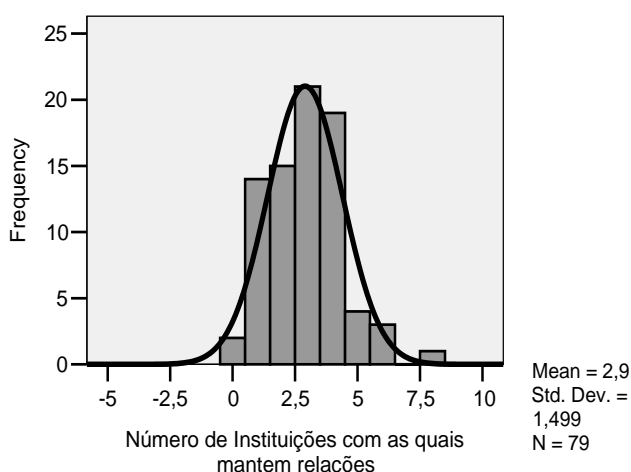
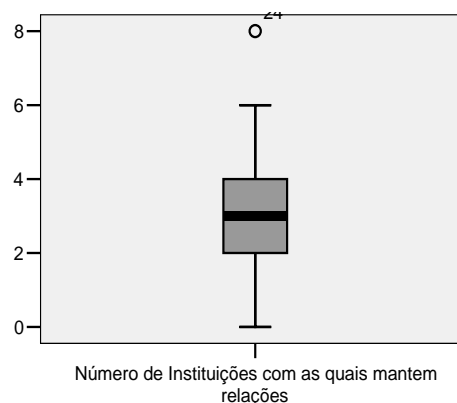


Gráfico n.º 5 - Caixa de bigodes para o tamanho da rede secundária



Quadro n.º 20 - Relação percebida com a rede secundária		
Relação percebida	n	%
Relação de apoio	65	81,3
Fluxo de energia	8	10
Relação distante ou fraca	1	1,3
Corte relacional	1	1,3
Relação de apoio e fluxo de energia	1	1,3
Relação de apoio e distante	1	1,3
(não tem rede secundária)	3	3,8
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100</b>

Como se pode observar no Quadro n.º 20, relativamente à relação percebida a maioria dos inquiridos, 81%, refere que apresenta uma relação caracterizada como de apoio. Apenas 10% dos inquiridos caracteriza a relação com a rede secundária como fluxo de energia.





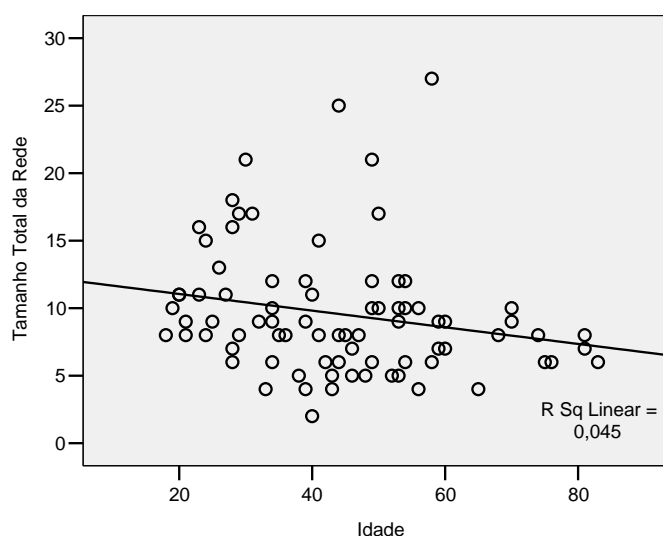
## Resultados dos Testes às Hipóteses

No sentido de testar as hipóteses formuladas a partir do modelo de análise (que se encontram operacionalizadas e descritas no quadro apresentado no Anexo B), analisámos a normalidade das variáveis envolvidas neste estudo. Para a avaliação da normalidade foram utilizados os testes Kolmogorov-Smirnov e o Shapiro-Wilk. Quando verificada a normalidade ( $p > 0,05$ ) foram utilizados testes paramétricos, quando não se encontrou normalidade ( $p < 0,05$ ) optou-se por testar as diferenças entre grupos através de testes não paramétricos.

### O tamanho da rede é inversamente proporcional à idade

A idade dos nossos sujeitos exerce uma influência no tamanho da rede de suporte dos moradores do Bairro de Santiago, como se pode observar no Gráfico n.º 7, verificando-se uma ligeira associação negativa entre o tamanho da rede e a idade da amostra ( $r = -0,213$ ;  $p = 0,058$ ), o que significa que quanto mais velho é o sujeito, mais pequena é a sua rede de suporte social. Tendo em conta que a correlação não é significativa, pois o grau de significância é ligeiramente superior a 0,05, rejeita-se a hipótese colocada, no entanto regista-se uma certa tendência relativamente a esta associação, podendo afirmar a associação com 94% de certeza, considerando um nível de significância de  $p \leq 0,10$ , admissível para as ciências sociais.

Gráfico n.º 7 - Diagrama de dispersão entre o tamanho da rede social e a idade





**Os sujeitos com maior nível de instrução apresentam redes maiores, com mais quadrantes e menos densas do que os sujeitos com nível de instrução mais baixo**

Fomos avaliar as características estruturais da rede de suporte segundo o nível de instrução dos sujeitos da amostra.

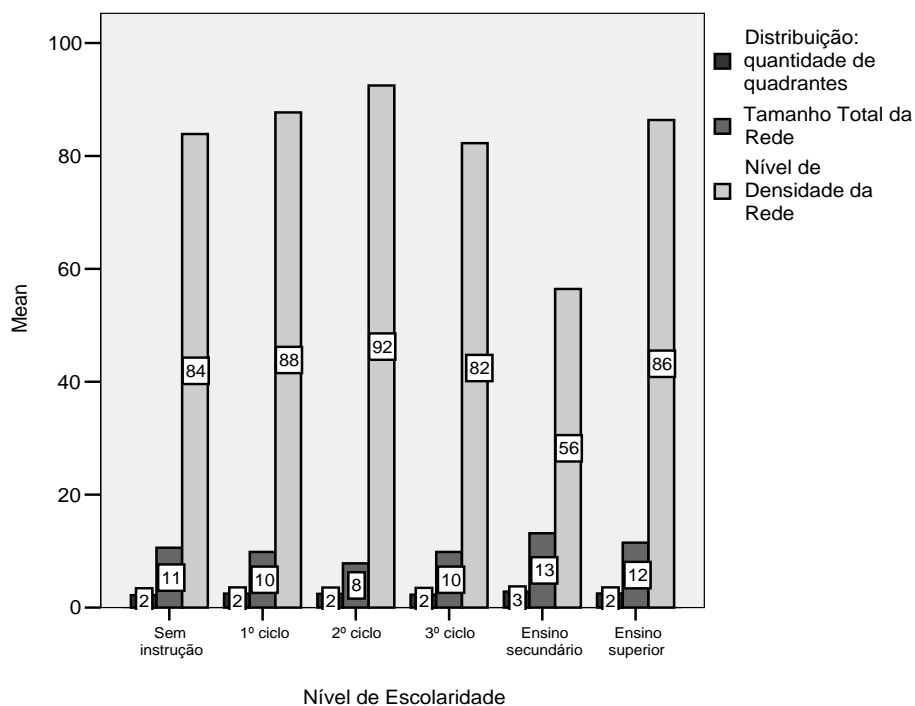
No Gráfico n.º 8 (cf. Anexo F) estão representadas as médias obtidas para as características estruturais da rede segundo o nível de instrução. De acordo com os dados disponíveis pode-se observar que a dispersão do número de quadrantes é maior para os sujeitos com o ensino secundário do que para os que têm o ensino básico, têm ensino superior ou não têm instrução. Para os primeiros, os resultados variam entre 1 (mínimo) e 4 (máximo) e apresentam com um desvio padrão de 1,17, superior aos restantes. No entanto relativamente ao número de quadrantes não foram registados diferenças significativas ( $H=2,394$ ;  $p=0,501$ ).

Para o tamanho da rede, os resultados não divergem muito entre os grupos em comparação. As médias são um pouco maiores nos indivíduos que têm o ensino secundário e o ensino superior, no entanto o desvio padrão dos sujeitos sem instrução destaca-se dos restantes. Relativamente ao tamanho da rede não foram registadas diferenças significativas entre o nível de instrução ( $H=5,875$ ;  $p=0,445$ ).

Na densidade da rede a dispersão dos resultados é menor nos indivíduos com ensino básico relativamente aos que têm o ensino secundário e não têm instrução. A média com valores mais baixos, ao contrário do que se verificou nas restantes características estruturais, encontra-se nos sujeitos com o ensino secundário. Quanto à densidade da rede encontramos diferenças significativas entre os grupos do nível de instrução ( $H=13,323$ ;  $p=0,039$ ).



Gráfico n.º 8 - Médias para os quadrantes, tamanho e densidade da rede segundo o nível de instrução



Assim, rejeitamos a hipótese colocada para a composição e o tamanho da rede, visto que não existem diferenças significativas entre o nível de instrução e estas características estruturais da rede dos moradores do Bairro de Santiago. No entanto aceitamos a hipótese colocada para a densidade da rede, ou seja, quanto mais instrução tem o indivíduo menor é a densidade da sua rede de suporte social.

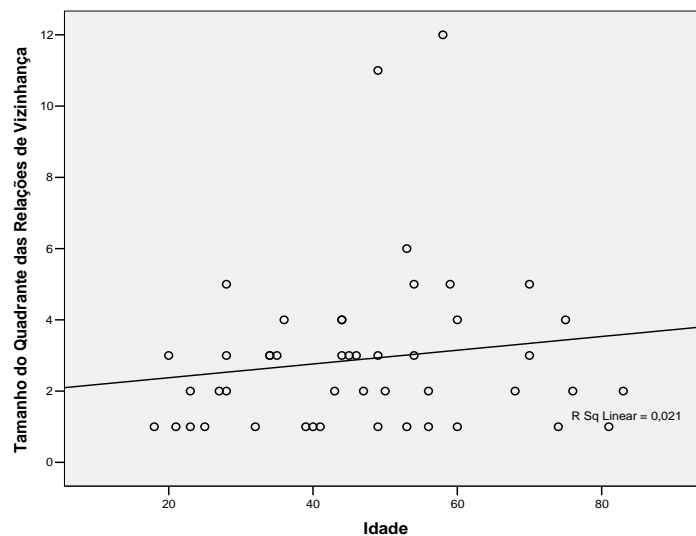
### **O tamanho do quadrante das relações de vizinhança na rede é inversamente proporcional à idade**

Partindo da hipótese colocada anteriormente, quanto mais velho o morador do bairro de Santiago menor a sua de rede, fomos avaliar se o tamanho do quadrante das relações de vizinhança na rede se associa à idade. Verificou-se que, de facto, a idade dos nossos sujeitos exerce influência no tamanho do quadrante das relações de vizinhança na rede de suporte social. No entanto, como se pode observar no Gráfico n.º 9, a associação entre estas variáveis é positiva ( $r=0,279$ ;  $p=0,057$ ), ao contrário do que se verificou anteriormente, o que significa que quanto mais velhos são os nossos sujeitos maior é o tamanho do quadrante das relações de vizinhança na rede de suporte social dos moradores do bairro de Santiago. Assim, tendo em conta que a correlação é fraca



positiva e não negativa (tal como esperado pela investigadora), rejeita-se a hipótese colocada.

Gráfico n.º 9 - Diagrama de dispersão entre o tamanho do quadrante das relações de vizinhança na rede e a idade da amostra



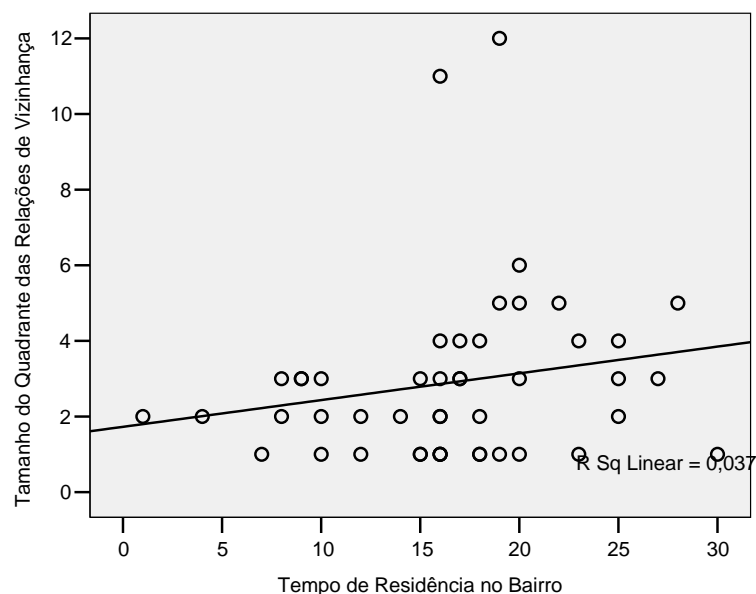
### O tamanho do quadrante das relações de vizinhança associa-se positivamente ao tempo de residência no bairro

Verificámos que a idade da amostra não era significativa no tamanho da rede de suporte social nem no tamanho do quadrante das relações de vizinhança na rede, de seguida vamos analisar a associação entre o tamanho do quadrante das relações de vizinhança e o tempo de residência no bairro.

O diagrama de dispersão (Gráfico n.º 10) permite observar que existe uma associação positiva embora fraca entre estas variáveis, o que significa que quanto maior for o tempo de residência dos sujeitos da amostra no bairro maior será o tamanho do quadrante das relações de vizinhança. No entanto, tendo em conta os resultados apresentados ( $r=0,191$ ;  $p=0,198$ ) verifica-se que esta associação não é significativa, logo rejeita-se a hipótese colocada.



Gráfico n.º 10 - Diagrama de dispersão entre o tamanho do quadrante das relações de vizinhança e o tempo de residência no bairro



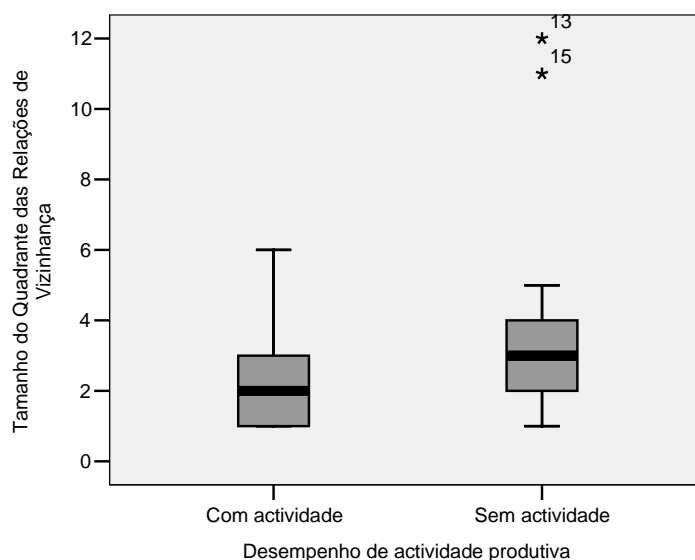
**Os sujeitos que têm uma actividade produtiva apresentam um quadrante das relações de vizinhança menor do que os que não têm**

O facto dos sujeitos terem uma actividade produtiva pode determinar o tamanho do quadrante das relações de vizinhança que estes desenvolvem no bairro. Como se pode observar no Gráfico n.º 11 as medidas de tendência central do tamanho do quadrante das relações de vizinhança são maiores nos indivíduos que não desempenham uma actividade produtiva ( $\bar{x}=3,20$ ;  $Me=3$ ;  $s=2,60$ ) do que nos que desempenham uma actividade produtiva ( $\bar{x}=2,35$ ;  $Me=2$ ;  $s=1,54$ ). Para os primeiros os resultados variam entre 1 (mínimo) e 12 (máximo) elementos, registando uma amplitude maior na variação (11) enquanto que nos segundos a amplitude é de 5 (variando entre um número mínimo de 1 e um máximo de 6).

No entanto, apesar de se verificarem diferenças entre o tamanho do quadrante das relações de vizinhança e o desempenho de uma actividade produtiva ou não, sendo que os sujeitos que não desempenham uma actividade produtiva apresentam um quadrante de relações de vizinhança maior do que os que desempenham uma actividade, pode-se observar que estas diferenças não são significativas, logo tendo em conta os resultados apresentados ( $U=203,5$ ;  $p=0,226$ ) rejeita-se esta hipótese.



Gráfico n.º 11 - Caixa de bigodes para o tamanho do quadrante das relações de vizinhança segundo o desempenho de uma actividade produtiva



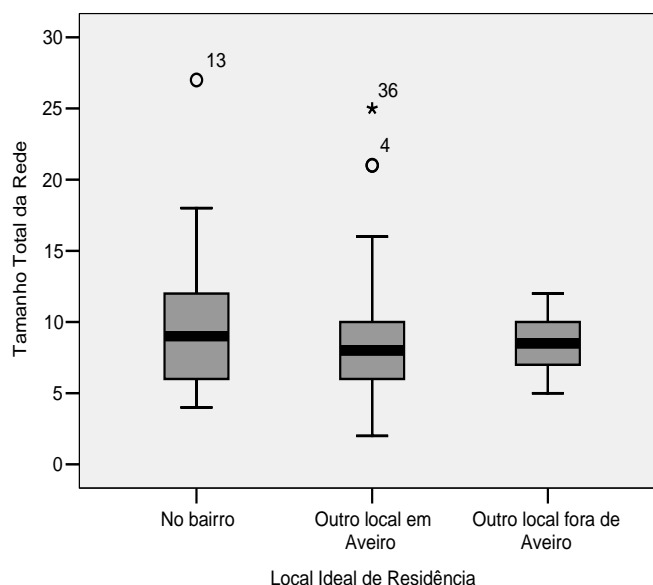
### Os que consideram o bairro o local ideal de residência apresentam redes maiores

Como se pode observar no Gráfico n.º 12, as medidas de tendência central do tamanho da rede social para os indivíduos que gostam de residir no bairro são maiores ( $\bar{x}=9,97$ ;  $Me=9$ ;  $s=4,94$ ) do que as dos sujeitos que preferiam residir noutro local da cidade ( $\bar{x}=9,32$ ;  $Me=8$ ;  $s=4,85$ ) ou arredores ( $\bar{x}=8,50$ ;  $Me=8,50$ ;  $s=2,43$ ). Para os primeiros os resultados variam entre 4 (mínimo) e 27 (máximo) elementos, registando uma amplitude na variação de 23 elementos, os segundos apresentam uma amplitude igual na variação (variando entre um número mínimo de 2 e um máximo de 25), enquanto que nos terceiros a amplitude é de 7 (variando entre um número mínimo de 5 e um máximo de 12).

Tendo em conta os resultados apresentados ( $H=0,558$ ;  $p=0,416$ ) rejeita-se a hipótese colocada, apesar de se verificarem diferenças entre o tamanho da rede de suporte social dos sujeitos que consideram o bairro o seu local ideal de residência e os que não consideram, sendo que o tamanho da rede é maior para os primeiros, estas diferenças não são significativas.



Gráfico n.º 12 - Caixa de bigodes para o tamanho da rede social segundo o local ideal de residência



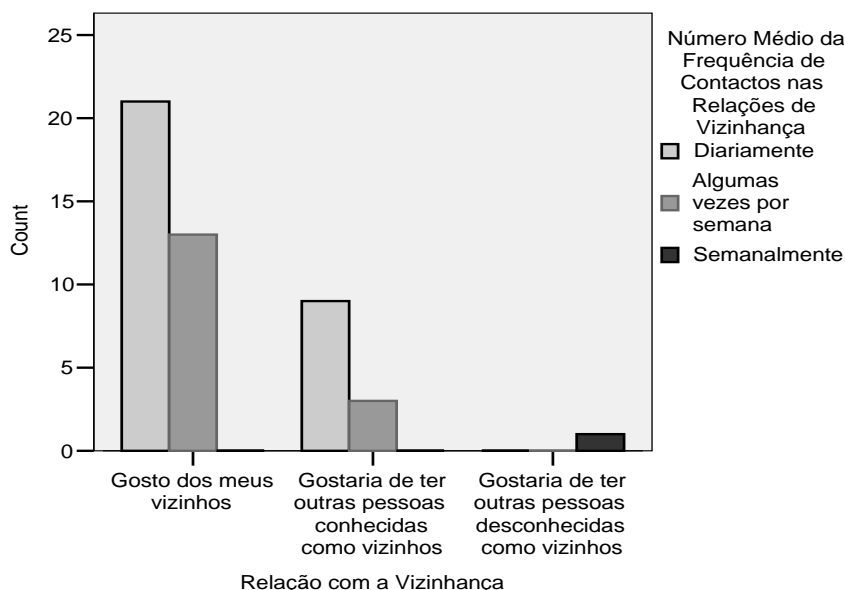
**A frequência de contactos com as relações de vizinhança associa-se positivamente à relação percebida com a vizinhança**

A relação percebida com a vizinhança facilita a frequência de contactos com as relações de vizinhança, embora hoje em dia a frequência destes contactos não dependa tanto da proximidade física ou dos contactos face-a-face. Ainda assim, em eventual situação de crise os indivíduos tendem sempre a procurar apoio na sua rede de suporte social nas relações que estabelecem geograficamente mais próximas.

Como se pode observar no Gráfico n.º 13 a correlação entre as variáveis não é significativa ( $r=-0,132$ ;  $p=0,378$ ). No entanto, é importante referir que os sujeitos da amostra que percebem uma relação mais positiva com os vizinhos são os que apresentam uma maior frequência de contactos com a vizinhança, assim os inquiridos que gostam dos vizinhos que têm e que em caso de mudança de habitação gostariam de os manter contactam na sua maior parte diariamente com estes vizinhos. Tendo em conta os resultados apresentados rejeita-se a hipótese colocada.



Gráfico n.º 13 - Relação entre a percepção da relação com a vizinhança e o número médio da frequência de contactos nas relações de vizinhança



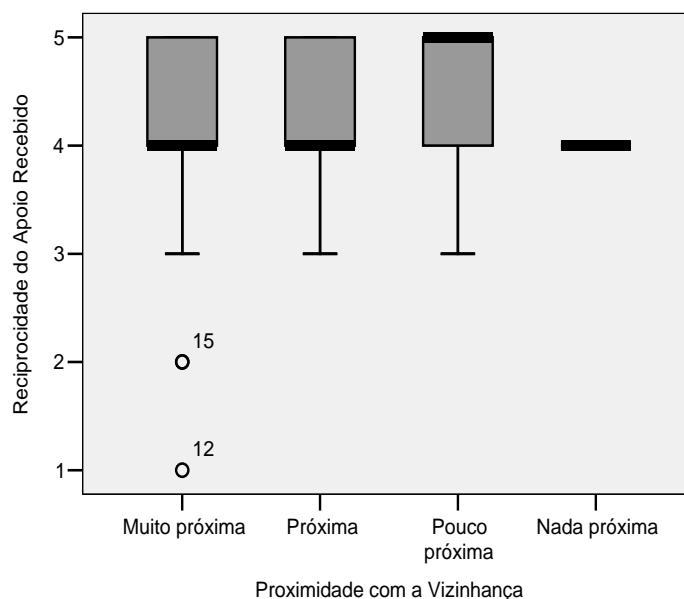
**Os sujeitos que percebem maior reciprocidade de apoio na rede social apresentam maior proximidade com as relações de vizinhança do que os que percebem menor reciprocidade**

Para testar esta hipótese, considerou como variável dependente a reciprocidade do apoio, numa escala de 1 a 5, em que 1 corresponde a “não dá apoio a nenhuma destas pessoas” e 5 a “dá apoio à maior parte destas pessoas”. Quando comparados os resultados para a reciprocidade de apoio recebido entre os sujeitos que percebem uma relação muito próxima, próxima, pouco próxima e nada próxima com a vizinhança, como se pode observar no Gráfico n.º 14, as medidas de tendência central dos sujeitos são muito semelhantes. Os sujeitos que percebem uma relação muito próxima apresentam uma média de 4 (“dá apoio a algumas destas pessoas”) ( $\bar{x}=4,07; Me=4$ ), os sujeitos que percebem uma relação próxima apresentam igualmente uma média de 4 ( $\bar{x}=4,16; Me=4$ ), os sujeitos que percebem uma relação pouco próxima apresentam uma média de 4 embora a mediana seja de 5 ( $\bar{x}=4,31; Me=5$ ), para os sujeitos que percebem uma relação nada próxima os resultados são inconclusivos, visto que apenas 2 sujeitos da amostra referiram perceber uma relação nada próxima.





Gráfico n.º 14 - Caixa de bigodes para a reciprocidade do apoio recebido e a proximidade com a vizinhança



Tendo em conta os resultados apresentados, não foram registadas diferenças significativas entre os grupos ( $p=0,415$ ;  $H=1,340$ ), pelo que rejeita-se a hipótese colocada.

**Sucintamente**, com base nos resultados às hipóteses de estudo podemos afirmar que as características da rede de suporte social e as características sociodemográficas, socioprofissionais, de residência e da relação percebida com a vizinhança desta amostra interagem de forma pouco significativa entre si.

Desde logo verificamos uma tendência na associação inversamente proporcional entre o tamanho da rede e a idade desta amostra. Não encontramos diferença significativa nas características estruturais da rede quando comparadas com o nível de instrução dos sujeitos da amostra, apenas a correlação entre nível de instrução e densidade assumiu valores significativos, ou seja quanto mais nível de instrução apresentam os sujeitos da amostra menor é a densidade das suas redes de suporte social. Relativamente à associação entre o tamanho do quadrante das relações de vizinhança na rede e a idade verificámos que esta é positiva, embora não significativa.

O tamanho do quadrante das relações de vizinhança associa-se positivamente ao tempo de residência no bairro, verificou-se também que os sujeitos que não têm uma actividade produtiva apresentam um quadrante das relações de vizinhança maior do que os que apresentam actividades produtivas. Os inquiridos que consideram o bairro o local ideal de residência verificou-se que apresentam redes maiores, embora nenhuma destas



hipóteses apresente resultados significativos. Rejeitou-se ainda a hipótese de que os sujeitos que percebem maior reciprocidade de apoio na rede social apresentam mais proximidade com as relações de vizinhança e verificou-se que a frequência de contactos com as relações de vizinhança associa-se positivamente à relação positiva percebida com a vizinhança, embora com valores não significativos.



## DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Os bairros, tal como os outros sistemas, não devem nem podem ser equacionados de forma simplista. Na revisão da literatura do nosso estudo percebemos que a exclusão territorial é entendida como uma situação em que não só as pessoas são excluídas, mas a própria região onde vivem. É o caso do Bairro de Santiago em Aveiro, onde parece persistir tal situação, o que não significa que o seu residente perca as suas referências simbólicas, como a identidade social e o sentimento de pertença ao bairro. Tendo em conta o universo complexo que constitui a realidade que é este bairro, podemos com o presente estudo caracterizar algumas das particularidades deste sistema, nomeadamente as características das redes de suporte social dos moradores do Bairro de Santiago, assim como as suas relações de vizinhança.

Para este estudo reuniu-se uma amostra intencional e de conveniência, constituída por 80 residentes do bairro, sendo 30 homens e 50 mulheres. Ao identificar as **características sociodemográficas e socioprofissionais** da nossa amostra, percebemos que a média de idades da nossa amostra é de 44 anos, no entanto é importante salientar que só foram alvo de estudo indivíduos com idades superiores a 18 anos, logo a maioria dos sujeitos (63%) apresenta idades entre os 25 e os 55 anos. Quanto ao estado civil é de referir que a maioria dos moradores inquiridos (57%) encontram-se sem companheiro(a), sendo que os solteiros apresentam uma percentagem maior dentro desta categoria (26%), logo seguido pelos divorciados (16%), os viúvos (11%) e os separados de facto (4%). Os casados da nossa amostra (43%), que se dividem em casados com registo (30%) e casados sem registo (13%), representam igualmente um número significativo.

Podemos ainda destacar que uma grande parte dos indivíduos (44%) apresenta apenas o 1º ciclo do ensino básico, encontrando-se ainda uma percentagem bastante elevada de indivíduos sem instrução na amostra recolhida no bairro (6%). No entanto, segundo números do INE referentes ao mês de Setembro deste ano, a taxa de analfabetismo em Portugal, ou seja das pessoas que não frequentaram sequer o ensino primário, apresenta valores acima do 9%, o que nos leva a pensar que o nível de instrução no bairro não apresenta valores tão baixos como seria de esperar, o que poderá constituir-se como um factor determinante na inserção destes indivíduos no mercado de trabalho.



O principal meio de vida dos sujeitos da amostra é o rendimento do trabalho (41%), como se pode verificar, no entanto um elevado número de moradores encontra-se a cargo da família (20%), com uma pensão (19%), com algum tipo de apoio social (13%), com subsídio de desemprego (3%) ou com o Rendimento Social de Inserção (1%). Tais características mostram que mais de metade da amostra (56%) não apresenta um meio de subsistência próprio, estando dependente da família e/ou de subsídios ou pensões. A nível profissional, o maior número de inquiridos trabalha por conta de outrem (40%), no entanto encontramos um valor muito elevado (33%) de desempregados na amostra. Embora comparando com a população portuguesa em geral, que, segundo dados do Gabinete de Estatísticas da União Europeia registados no mês de Março deste ano, apresenta valores próximos dos 9%, a nossa amostra apresenta números muito elevados de desemprego. Pode verificar-se que, ao contrário do que seria previsto, poucos indivíduos da amostra são beneficiários do Rendimento Social de Inserção (1%), no entanto encontramos um elevado número de moradores inquiridos (13%) com apoios sociais esporádicos fundamentais para a sua subsistência, o que revela a importância dos serviços de apoio social existentes no bairro. Estes resultados levam-nos a pensar que relativamente às habilitações esta população apresenta valores muito positivos comparando com a realidade do nosso país, no entanto, relativamente à situação na profissão e meio de vida encontramos valores muito preocupantes, pois devido ao elevado número de desemprego os indivíduos estão cada vez mais dependentes da família e dos serviços que apoiam as famílias do bairro.

Ao caracterizar-se a situação actual de **residência** da amostra verificou-se que uma grande parte dos inquiridos (44%) é natural da freguesia da Glória na qual se situa o Bairro de Santiago, sendo que os que não são naturais do bairro são na sua maior parte de outra freguesia de Aveiro (36%), o que revela que não há uma grande dispersão geográfica relativamente à origem dos moradores inquiridos.

O agregado familiar dos nossos moradores é constituído sobretudo pela família nuclear (35%), sendo de notar que as famílias nucleares truncadas assumem também valores elevados (20%). No entanto encontramos na nossa amostra um valor significativo de pessoas que vivem isoladas (9%), que são na sua maioria pessoas com idade avançada, viúva(o)s, com filhos que vivem em zonas distantes, facto que condiciona o suporte destes sujeitos. Outro tipo de famílias mais atípico que encontramos com alguma frequência (10%) é constituído por elementos de uma mesma geração sem companheiros, tal como a coabitação de irmãos ou de irmãos com primos.



Relativamente ao tempo de residência no bairro verificámos que a média é de 15 anos, no entanto a maior parte dos sujeitos vive no bairro num período entre 16 a 20 anos (36%), encontrando-se moradores com um tempo de residência superior a 26 anos (4%), o que vem a consolidar a ideia de pouca mobilidade residencial desta população. A maior parte das casas dos sujeitos são arrendadas à Câmara Municipal de Aveiro, o que está na origem do processo de realojamento levado a cabo pela divisão de Habitação Social da Câmara Municipal de Aveiro, devido a situações de extrema carência económica e condições de habitabilidade precárias. Assim, relativamente aos que se mudaram para o bairro a maioria referiu que foi por razões económicas (54%), no entanto também se encontram valores significativos de indivíduos que referem a mudança para o bairro por motivos familiares (27%), pelas mais variadas razões, seja para tomar conta de familiares ou por união a um companheiro e necessidade de espaço, entre outras.

A **rede social pessoal** do sujeito é sobretudo equacionada como fonte de apoio para este, numa zona socio-espacialmente marginalizada da cidade dominante parece-nos importante perceber as características estruturais, funcionais e contextuais deste apoio social. Relativamente às características estruturais da rede de suporte social dos residentes do bairro de Santiago, descritas na apresentação de resultados, a maior parte dos sujeitos da amostra apresenta uma rede com 9 a 14 elementos. Segundo Alarcão e Sousa (2007) as redes médias podem ser consideradas as mais efectivas do ponto de vista do apoio prestado, embora seja difícil definir o número de indivíduos que a compõem, estas autoras referem que uma rede de tamanho médio aponta aproximadamente para o valor de 13 a 20 elementos, na população em geral. Comparando com o tamanho da rede dos nossos sujeitos podemos afirmar que apresentam uma rede efectiva do ponto de vista do apoio prestado, pois não se esgota em si mesma por ser demasiado reduzida nem demasiado ampla. Quando comparamos o tamanho da rede dos nossos moradores com a idade verificamos uma associação inversamente proporcional, ainda que fraca, estas variáveis, ou seja, quanto mais velhos são os indivíduos da nossa amostra menor é a sua rede, os moradores do bairro mais novos apresentam redes de suporte maiores. No entanto, quando se associa a idade ao tamanho do quadrante das relações de vizinhança, encontramos uma associação positiva, isto é, quanto mais velhos são os nossos moradores maior é o tamanho do quadrante das relações de vizinhança. No mesmo sentido, também se encontra uma associação positiva entre o tamanho do quadrante das relações de vizinhança e o tempo de residência no bairro, assim como os que consideram o bairro o local ideal de residência apresentam redes de suporte maiores.



A distribuição da rede segundo estes quadrantes, identificados na apresentação de resultados, dar-nos-á a indicação da proporção ocupada pelos membros que compõem a rede localizada em cada um deles. No caso da nossa amostra a maioria das redes é composta pela rede primária onde as relações familiares têm uma proporção maior relativamente aos restantes quadrantes. Quanto ao número de quadrantes a maior parte dos indivíduos apresenta redes com 2 e 3 quadrantes o que permite uma maior expansão e exploração de recursos na rede. Segundo Guadalupe (2009) as redes quando são muito localizadas num determinado quadrante tendem a ser menos flexíveis e efectivas pois apresentam menos opções do que aquelas que se estendem pelos vários quadrantes, fazendo com que as pessoas se sintam muito dependentes entre si, sobrecarregando os seus elementos. No entanto, Guadalupe (2009) refere ainda que quando as redes são alargadas ou demasiado amplas, quando homogéneas, demonstram maior inércia e são potencialmente menos efectivas porque geralmente são pouco diversificadas. Na nossa amostra encontra-se um número médio de quadrantes o que revela que estas redes não são nem pouco flexíveis nem pouco efectivas, no entanto existem casos em que as redes apresentam apenas um quadrante, normalmente o da família, e outras em que a rede se divide pelos quatro quadrantes, notando-se mais dispersão da conexão nestes casos.

Relativamente à tipificação a partir da conexão entre os membros de uma rede observou-se que, na nossa amostra, a maior parte das redes são coesas (70%), que segundo Alarcão e Sousa (2007) são aquelas compostas por um grupo fortemente interligado de pessoas que pode compreender a família próxima, a família alargada, os vizinhos, os companheiros de trabalho, os amigos e as instituições; encontrámos uma pequena percentagem de redes fragmentadas (30%), compostas por pequenos subgrupos relativamente independentes uns com os outros, muitas vezes situados num ou noutro quadrante da rede, os contactos entre os membros de diferentes subgrupos são pouco frequentes e a conexão entre os membros é rara, muitas vezes não se conhecendo entre si; e não se encontraram redes dispersas na amostra, que são aquelas que se caracterizam pela ausência de conexão entre os seus membros, isto é, pelo facto de várias pessoas não se conhecerem entre si, poderão no entanto existir indivíduos interligados, nomeadamente no contexto familiar, a dimensão institucional está geralmente presente neste tipo de rede.

A densidade da rede, como verificámos na revisão literária, ao nível qualitativo pode ser baixa, média ou alta. Sluzki (1996) refere ser o nível médio o que favorece a máxima efectividade do grupo, pois é aquele que permite a comparação entre as



impressões e opiniões trocadas. Na nossa amostra observámos que a rede dos sujeitos apresenta níveis altos de densidade que favorece a conformidade dos seus membros, pela pressão exercida para a adaptação às regras do grupo, levando eventualmente o membro que se desvia das normas à exclusão (Sluzki, 1996). Guadalupe (2009) acrescenta ainda que é nas redes menos densas que se fomenta em maior medida o bem-estar dos indivíduos por apresentarem características que facilita a adaptação à mudança, que não é o caso das redes da nossa amostra, visto que se concentram muito nos vínculos geograficamente próximos. Este factor vai dificultar a diversificação de vínculos e o acesso a contactos importantes fora do bairro, nomeadamente na procura de emprego. Quando comparamos as características estruturais com o nível de instrução dos sujeitos da amostra verificamos que a correlação entre nível de instrução e densidade assume valores significativos, ou seja quanto mais habilitações apresentam os moradores do bairro menor é a densidade das suas redes de suporte social, ou seja, estes resultados levam-nos a especular que os residentes mais jovens são aqueles que têm redes maiores e com mais quadrantes, são também aqueles que apresentam maior nível de instrução e possivelmente menor taxa de desemprego, o que leva a uma menor densidade da sua rede de suporte social, facto associado às relações que esta população estabelece fora do bairro. Daí o facto de a população mais velha apresentar um quadrante de relações de vizinhança maior.

Relativamente às características funcionais das redes, concluiu-se que a amostra percebe um nível elevado de apoio ao nível emocional, que é caracterizado geralmente por trocas que comportam atitudes emocionais positivas e um clima de compreensão, simpatia, empatia, estímulo e apoio. Segundo Guadalupe (2009) este tipo de apoio pressupõe a existência de relações de intimidade e proximidade e transmite carinho e sentimentos de segurança ao indivíduo. Relativamente ao apoio ao nível material e/ou instrumental a amostra percebe um apoio moderado, que é caracterizado pela ajuda nas tarefas domésticas e outros aspectos da vida quotidiana como cuidar dos filhos, fornecer refeições, emprestar dinheiro, entre outras. Pode ainda remeter para um conjunto de acções ou materiais que facilitam a realização das tarefas, aliviando o indivíduo, no entanto este tipo de apoio tem de ser percebido como apropriado, solicitado e aceite pelo indivíduo a quem se destina (*idem*). Finalmente o suporte informativo (também caracterizado como aconselhamento), percebido de forma moderada pela nossa amostra, inclui os conselhos e orientações cognitivas que permitem o estabelecimento de interacções que têm por objectivo a partilha de informações pessoais ou sociais entre os



membros, o mostrar de novas formas de pensar e agir perante a expectativa de acção futura.

No nosso estudo verificamos que os sujeitos que percebem maior reciprocidade de apoio na rede social apresentam maior proximidade com as relações de vizinhança, no entanto não conseguimos verificar esta hipótese, o que nos leva a crer que independentemente das funções do apoio e da sua reciprocidade as relações de vizinhança são fundamentais para os residentes deste bairro na medida em que não são influenciadas pelas características funcionais da rede de suporte social.

Segundo Guadalupe (2009) este tipo de funções podem favorecer a socialização do indivíduo, mas por outro lado, facilitam a exclusão grupal aquando do desvio. Assim, dependendo do contexto estas funções podem assumir uma carga negativa ou positiva. No nosso estudo entendemos que o facto de os indivíduos perceberem um elevado apoio é um factor positivo que permite a integração no bairro, no entanto esta integração é paradoxal na medida em que a integração num bairro considerado um território excluído pode constituir igualmente uma forma de exclusão social para a comunidade em geral. Estudámos ainda a relação entre a reciprocidade de apoio na rede social e a proximidade com as relações de vizinhança, no entanto não conseguimos verificar esta hipótese, o que nos leva a crer que independentemente das funções do apoio e da sua reciprocidade as relações de vizinhança são fundamentais para os residentes deste bairro na medida em que não são influenciadas pelas características funcionais da rede de suporte social.

Quando nos reportamos às propriedades específicas da dimensão contextual neste estudo distinguimos: dispersão geográfica da rede, o que afecta a sua acessibilidade e manutenção de contactos, o que numa eventual situação de crise, segundo Guadalupe (2009), pode pôr em causa a eficácia e velocidade da resposta; e a frequência de contactos entre os elementos, independentemente da forma assumida, permite a sua manutenção e activação. No nosso estudo percebemos que os inquiridos contactam diariamente com a maior parte dos elementos da rede e que estes residem na sua maior parte no Bairro de Santiago. O que nos leva a pensar mais uma vez na importante conexão estabelecida nos vínculos dentro do bairro e na homogeneidade presente nas relações destes indivíduos, pois existe uma semelhança patente nos membros da rede em dimensões como atitudes, experiencias e valores, associado a isto entende-se também que é nas relações mais quotidianas que surgem situações de tensão e conflitualidade dado a sua proximidade geográfica.

Ainda relativamente à frequência de contactos verificou-se que existe uma associação positiva com a relação percebida com a vizinhança, ou seja, associado a





estes contactos frequentes está uma relação próxima e efectiva com os vizinhos. Podemos afirmar que, tendo em conta o que foi apresentado, as características físicas do bairro, como a forma e a estrutura, são um factor determinante não só para uma elevada frequência de contactos mas também para uma maior proximidade com a vizinhança. Os “comboios amarelos” do Bairro de Santiago devido à sua apresentação que inclui vários fogos por andar e vários andares por prédio (dependendo o seu número de prédio) permitem aos seus residentes um contacto mais frequente com os vizinhos do que o que se verificaria numa moradia. Muitos residentes chegaram mesmo a referir aquando dos inquéritos que conheciam as famílias todas do seu prédio, fenómeno raro nas grandes cidades nos dias que correm. Quando separamos a dispersão geográfica por quadrantes concluímos que a família dos nossos sujeitos tende a residir na mesma casa, os vizinhos no bairro assim como as instituições a que recorrem, no entanto, as relações de amizade e de trabalho/estudo concentram-se em áreas geograficamente mais distantes, o que nos leva a crer que em eventual situação de crise a distância a que se encontram as relações familiares, de vizinhança e institucionais podem ser fundamentais na activação da rede de suporte social.

Segundo Soczka e Nunes (1989) as redes sociais de suporte promovem o sentimento de ser amado e valorizado, e a pertença a teias de comunicação e obrigações recíprocas levam os residentes do bairro a escapar ao isolamento e ao anonimato, que foi o que verificamos ao longo desta investigação. Assim, as redes de suporte social devem funcionar como redes de relações, de competências e de serviços permitindo que exista uma coesão que dê lugar a relações integradas de forma a respeitar as individualidades. Portanto, o grupo de residentes encontra nas suas teias relacionais muito mais do que suporte, encontram identidade, o que para alguns pode funcionar como um factor integrante no bairro, no entanto, como foi referido anteriormente, poderá aumentar a exclusão social do indivíduo face à comunidade fora do bairro.

Segundo Chadi (2000) as redes sociais institucionais, como vimos na revisão da literatura, podem ser definidas como organizações constituídas para cumprir com objectivos específicos, que satisfazem necessidades particulares e pontuais, que são canalizadas dentro de organismos criados especificamente para esses fins. Quanto à rede secundária da amostra a maioria dos indivíduos refere uma média três instituições na sua rede, muitos referiram a IPSS Florinhas do Vouga, mas também encontrámos sujeitos que referiram Hospital, Centro de Saúde, Câmara Municipal de Aveiro, Igrejas, Associações Desportivas, Escolas, etc.. Quando questionados relativamente à relação percebida com as entidades que compõem a rede secundária, 65% dos inquiridos refere



que se caracterizava por uma relação de apoio, e não tanto por uma troca de serviços, assim percebe-se que a intervenção institucional ajuda o indivíduo no sentido da obtenção de recursos para cumprir algumas funções, recursos estes nos quais a rede primária é pobre ou escassa. Normalmente quanto maior for a desconexão da rede primária maior será a presença institucional na rede do indivíduo, pois a falta de coesão na rede primária empobrece os recursos e como consequência esta deve ser abastecida pela rede secundária (*idem*), que é o que se observa na rede dos moradores do bairro de Santiago, daí a importância dos serviços presentes neste bairro.

Relativamente à proximidade destes indivíduos aos serviços assentes no bairro, em Portugal diversos estudos (Rodrigues, Pires, Ribeiro, Pereira & Hespanha, 2002) têm demonstrado como a sociedade providência tem respondido às carências das famílias e colmatado, em grande parte, o défice da provisão estatal. Nas sociedades ocidentais tem havido um crescente reconhecimento dos apoios informais, nomeadamente da família e das relações comunitárias, como um importante elemento no apoio social. No entanto, é no encadeamento da actual crise e das insuficiências reveladas pelo sistema de protecção social português, nomeadamente devido a um desenvolvimento tardio dos seus sistemas de bem-estar, bem como de dificuldades provenientes de condições socioeconómicas desfavoráveis e de desequilíbrios internos que tem vindo a ocorrer, obrigam a sociedade a encontrar mecanismos não formais de suporte social. Assim, o desenvolvimento das relações de vizinhança parece-nos essencial para o desenvolvimento do suporte social nestes locais.

De acordo com a classificação apresentada por Wellman e Leighton (1979), podemos considerar o bairro de Santiago quanto ao seu tipo de redes sociais uma *Community Saved* (*idem*), pois apresenta redes de sociabilidade e suporte muito fortes que encorajam os seus membros a manter a rede primária de forma a flexibilizar a existência dos vínculos. As redes neste tipo de comunidade tendem a ser muito densas e homogéneas, embora em alguns casos possam existir relações fora do bairro, como se observa na rede dos moradores do Bairro de Santiago. No entanto, ao contrário da *Community Saved* descrita por estes autores os nossos residentes não são capazes de se auto-organizar, nomeadamente perante as situações de pobreza, daí a concentração dos serviços de apoio social neste local. Podemos mesmo afirmar que este tipo de redes gera mais fechamento ao exterior e apresentam movimentos centrípetos, o que vai bloquear a mudança, o que poderá estar na origem da dificuldade dos técnicos de intervir neste contexto e da perpetuação das situações de pobreza já referidas.



Ao longo desta investigação percebemos que este bairro social, à semelhança do que tem sido descrito relativamente aos bairros sociais, encerra em si uma história, muitas das vezes, pouco benéfica para os seus moradores. Embora os técnicos interventores neste bairro afirmem que este está melhor ao nível de problemas sociais do que há uns anos atrás, não deixa ser identificado como uma área habitacional degradada com um grande aglomerado habitacional. É um bairro descrito através das suas tensões e conflitos entre moradores e com o exterior, tráfico e consumo de droga, pobreza. Embora os especialistas em *habitat* urbano façam distinções entre vários tipos de bairros sociais e evitem a identificação destes a áreas habitacionais degradadas (Fernandes, 1997), é evidente o poder redutor da etiqueta “bairro social”.

Uma das constatações que se verificou ao longo desta investigação é que os habitantes diferenciam-se claramente entre si, existem um grupo homogéneo de 46% que refere que o bairro é o seu local ideal de residência, por diversos motivos, desde a sua centralidade na cidade, o que permite um acesso facilitado a serviços até à relação muito próxima que têm com os vizinhos, que constituem uma fonte de suporte muito importante. Chegam a referir que mesmo que mudassem de habitação preferiam manter os vizinhos que têm agora. Outro grupo igualmente significativo (46%) refere que gostaria de residir noutro local em Aveiro fora do bairro, no entanto, também estes admitem que têm uma relação próxima com os vizinhos. Assim, pode verificar-se que relativamente à relação percebida com a vizinhança a maior parte dos inquiridos tem uma relação muito próxima com os vizinhos e gosta dos vizinhos que tem.

Comparando o estudo das relações de vizinhança no Bairro de Santiago com a investigação de Soczka (1988), realizado a uma amostra de 46 famílias (111 indivíduos) da Musgueira Sul, também os moradores do nosso bairro apresentam opiniões positivas em relação ao bairro e ao seu ambiente. Assim, percebe-se que existe um sentimento de segurança que o bairro, enquanto comunidade assente em redes de vizinhança, assegura um manifesto controlo social dos espaços. Esta situação realça a importância da relação entre vizinhos que se manifesta na população entrevistada, esta relação traduz-se pela existência de redes de suporte na vizinhança ao nível de apoio afectivo, económico e físico – “redes informais assentes em grupos vivendo em grande proximidade espacial” (Soczka, 1988:328).

Soczka (1988) refere ainda que uma comunidade de vizinhança assente numa rede de relações sociais estáveis implica a apropriação colectiva de um espaço referenciado que é identificador do grupo de vizinhança. De facto foi verificado em alguns estudos (*idem*) que existe a tendência, em condições sociais definidas, para as pessoas



transformarem as relações de vizinhança em relações de amizade, eventualmente até em relações de parentesco. Isto permite que a comunidade construa para si própria uma identidade social que pode ser vista como uma microcultura urbana, que foi o que observámos no nosso estudo.

Este estudo permite-nos verificar que a influência da proximidade geográfica constitui um importante factor no estabelecimento de vinculações afectivas e laços funcionais, que no caso das relações de vizinhança constituem um elemento determinante na constituição das redes sociais urbanas. Assim, verificou-se neste estudo, de forma inequívoca que a proximidade física, em termos de alojamentos, constituía um factor de relevo na constituição de redes de afiliação social. De facto, comprovou-se que as relações de vizinhança geram relações de amizade, daí a confusão dos nossos indivíduos ao separar o quadrante da vizinhança do das relações de amizade. Passamos de seguida a sublinhar algumas conclusões, assim como a pensar as implicações possíveis para o presente estudo.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qualquer investigação na área das ciências sociais encerra limitações e potencialidades, neste estudo essas limitações foram sentidas fundamentalmente em dois domínios diferentes: na recolha de informação sobre a temática e na recolha de dados.

Quando se iniciou este estudo já sabíamos da necessidade de resistir *a priori* à realidade instaurada pela etiqueta de “bairro social”. A recolha de informação sobre o tema de estudo sofreu diversas vicissitudes, apesar de se encontrarem alguns estudos sobre bairros sociais e outros sobre redes e relações de vizinhança em bairros, ainda é muito escassa a produção de estudos sobre as redes sociais em bairros em Portugal, o que constituiu uma limitação a esta investigação pois não nos permitiu um termo de comparação na discussão de resultados com outros estudos realizados nesta área. No entanto, como não foi encontrado nenhuma investigação específica, optámos por adaptar o questionário de um estudo realizado no bairro da Musgueira (já referido anteriormente). A questão da adaptação poderia ter-se aprofundado mais assim como o nível de satisfação do indivíduo ao seu local de residência, o que permitiria obter dados mais concretos sobre os sentimentos do morador relativamente ao seu bairro.

Relativamente à recolha de dados, apesar de existir um acesso facilitado aos residentes, visto a investigadora desenvolver funções de intervenção social numa instituição sediada no bairro, o objectivo era inquirir sujeitos não só com vínculos à instituição mas também aqueles que não usufruem dos serviços, daí que a dificuldade em aceder a estes indivíduos que implicou um atraso de cerca de três meses no cronograma previsto. É importante assinalar que todos os entrevistados deram o seu consentimento informado e que o facto do inquérito ser anónimo foi um meio facilitador para os sujeitos se sentirem mais disponíveis nas respostas. O facto de se conseguir facilmente acesso a residentes através das respostas sociais da IPSS, permitiu um efeito “bola de neve”, que levou a que moradores do bairro que não usufruem de serviços participassem neste estudo.

Quanto às implicações deste estudo, é importante perceber porque se concentram certas problemáticas em determinadas zonas da cidade, algumas questões foram aprofundadas e investigadas, mas de facto este estudo não se esgota em si mesmo e apesar de dar algum sentido ao tipo de intervenção que os técnicos que trabalham neste



contexto poderão aplicar, muito outros temas podem e devem ser investigados e aprofundados.

Rodrigues, Pires, Ribeiro, Pereira e Hespanha (2002), partindo de uma investigação realizada na região norte do país pelo Observatório Permanente de Desenvolvimento Social, tentaram obter um conhecimento mais aprofundado acerca dos problemas sociais existentes no concelho de Aveiro e das respostas que lhes são dadas, nomeadamente relativamente a questões relacionadas com a dependência (idosos, crianças, deficientes, desempregados) e habitação, assim como, a capacidade de resposta familiar, apoio institucional e informal na resolução dos problemas das populações. Nas considerações finais estes autores concluíram que de modo geral a função social da família atribui um peso mais relevante e poderoso que as próprias instituições, portanto será importante potencializar os esforços familiares com uma actuação colaborante das instituições e da comunidade em geral.

Assim, neste âmbito, e porque a investigadora tem uma visão de assistente social, considera-se que se torna fundamental proporcionar não só o incremento do apoio institucional em Aveiro, que passa pelo aumento dos apoios económicos, o estabelecimento de parcerias interinstitucionais, a dinamização da solidariedade comunitária, a implementação de medidas de incentivo à habitação, emprego e melhoria dos serviços de saúde, mas também dotar a família e comunidade de instrumentos para se tornar auto-suficiente e autónoma para responder em situações de crise, que segundo a visão dos técnicos que intervêm nestes contextos existem ainda outros problemas presentes na realidade do concelho, como o alcoolismo e a toxicodependência, as dificuldades de transporte e acessos, as necessidades de apoios a crianças e jovens e os problemas relacionados com a dificuldade de acesso a cuidados de saúde, aos quais nem sempre as instituições conseguem responder.

Se pensarmos nos resultados deste estudo, podemos perceber que apesar das problemáticas já enunciadas, que não devem ser ignoradas, as “soluções” para estes problemas não passam por retirar os indivíduos do seu ambiente, mas criar condições de habitabilidade e de qualidade de vida no bairro, desenvolver os vínculos que os indivíduos estabelecem com a vizinhança, mantendo o bairro aberto a relações com o exterior. Esta não será uma “solução milagrosa”, mas uma tentativa de equacionar os problemas sociais que tendem a persistir e só se arrastam de uns locais para os outros, junto com os seus residentes.

O que nos parece importante reter deste estudo é que independentemente do contexto onde reside o indivíduo, a sua rede de suporte social constitui um aspecto



fundamental para a sua inserção num determinado meio. No contexto de bairro as redes tendem a ser mais focadas geograficamente no seu interior podendo criar homogeneidade nos seus contactos, logo, acreditamos que qualquer intervenção focada neste bairro deveria contemplar não apenas problemas específicos e individualizados que só fomentam a estigmatização deste local, mas intervenções em rede voltadas para um desenvolvimento e envolvimento comunitário, visto que, como se verificou, as redes de vizinhança são muito mais efectivas do que se poderia imaginar.



## BIBLIOGRAFIA

- Alarcão, M., & Sousa, L. (2007). Rede social pessoal: do conceito à avaliação. *Psychologica*, 44, 353-376.
- Anwar, M. (1995). Social networks of pakistanis in the UK: A re-evaluation *In* A. Rogers & S. Vertovec. *The Urban Context: Ethnicity, Social Networks and Situational Analysis* (pp. 237-257). Oxford: Berg Publishers.
- Bott, E. (1990). *Família e red social*. Madrid : Altea Taurus. Edição original, 1971.
- Bridge, G. (1995). Gentrification, class and community: A social network approach. *In* A. Rogers & S. Vertovec. *The Urban Context: Ethnicity, Social Networks and Situational Analysis* (pp. 259-286). Oxford: Berg Publishers.
- Chadi, M. (2000). *Redes sociales en el trabajo social*. Argentina: Espacio Editorial.
- Dabas, E. & Najmanovich, D. (org.) (2002). *Redes el lenguaje de los vínculos*. Barcelona: Paidós.
- Dabas, E. (1993). *Red de redes: Las prácticas de la intervención en redes sociales*. Buenos Aires: Paidós.
- Fernandes, L. (1997). Etnografia urbana das drogas e do crime. *Droga-crime, estudos interdisciplinares*, 10. Lisboa: Gabinete de planeamento e de coordenação do combate à droga.
- Ferrand, A. (2006). Redes heterogéneas de discusión y pluralismo cognitivo. *Revista Redes Sociales*, 10.
- Fremont, A. (1980). *A região espaço vivido*. Lisboa: Livraria Almedina.
- Gomez, C. & Hernández, M. (2007). La formacion de redes sociales en el estudio de actores y familias. Perspectiva de estudio en Historia y Antropologia. *Revista Redes Sociales*, 12.
- Grieco, M. (1995). Transported lives: Urban social networks and labour circulation . *In* A. Rogers & S. Vertovec. *The Urban Context: Ethnicity, Social Networks and Situational Analysis* (pp. 189-212). Oxford: Berg Publishers.
- Guadalupe, S. (2000). *Singularidade das redes e redes da singularidade – rede social pessoal e saúde mental* [Dissertação de Mestrado]. Coimbra: Instituto Superior Miguel Torga.
- Guadalupe, S. (2009). *Intervenção em rede. Serviço social, sistémica e redes de suporte social*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Lacroix, J-L. (1990). *L'individu, sa famille et son réseau: les thérapies familiales systémiques*. Paris: ESF.





- Morval, J. (2007). *Psicologia Ambiental*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Moura, M. (1988). A apropriação do espaço no bairro “luta pela casa”: as práticas do alojamento. *Psicologia VI*, 3, 399-411.
- Navarro, S. (2004). *Redes sociales y construcción comunitária*. Madrid: Editorial CCS.
- Nazaré, L. (1992). *Nova Enciclopédia Portuguesa*, 3. Lisboa: Ediclube.
- Ribeiro, J. L. P. (1999). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde*. Coimbra: Climepsi.
- Rodrigues, S.; Pires, S.; Ribeiro, C.; Pereira, S. & Hespanha, P. (2002). Os problemas sociais e as respostas disponíveis no concelho de Aveiro. *In Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia*, 152-159.
- Santos, F. R. (2001). *Amigos e redes sociales. Elementos para uma sociologia de la amistad*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas.
- Sebastião, J. (1995). Modos de vida marginais: o caso das crianças da rua de Lisboa. *Infância e Juventude*, 2, 18-25.
- Silva, J. A. (2001). As redes sociais e o percurso na toxicodependência. O tratamento como Instrumento de Reinserção. *Toxicodependências* 7, 1, 23-34.
- Sluzki, C. (1996). *La red social: frontera de la practica sistémica*. Barcelona: Gedisa Editorial.
- Soczka, L & Nunes, J. (1989). Redes sociais de suporte e etiopatogenia do enfarte de miocárdio em meio urbano. *Psicologia VII*, 2, 157-166.
- Soczka, L. (1988). Ecologia social do risco psicológico em meio urbano. *Psicologia VI*, 3, 307-346.
- Soczka, L. (2008). Caminhos da “Ecoviolência”. *Análise Social*, XLIII, 133-157.
- Soczka, L. (org.) (2005). *Contextos Humanos e Psicologia Ambiental*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Soczka, L.; Boavida, E.; Machado, P. & Pereira, A. (1985). *Ecologia social da Musgueira I*. Lisboa: LNEC.
- Soczka, L.; Boavida, E.; Machado, P.; Freitas, M. J. & Pereira, A. (1987). *Ecologia social da Musgueira II*. Lisboa: LNEC.
- Wellman, B. & Leighton, B. (1979). Networks, Neighborhoods, and Communities: Approaches to the Study of the Community Question. *Urban Affairs Quarterly*, 13, 4, 363-390.
- Wellman, B. (1992). Men in networks. Private communities, domestic friendships. *Men’s Friendships*, 74-114.



- Wellman, B. (1996). Are Personal Communities Local? A Dumptarian Reconsideration. *Social Networks*, 18, 347-354.
- Wellman, B. (2001). *The persistence and transformation of community: from neighbourhood groups to social networks*. Wellman Associates.
- Wellman, B.; Carrington, P. & Hall, A. (1988). Networks as personal communities. *Social Networks*, 130-184.
- Wellman, B.; Hogan, B.; Berg, K.; Boase, J.; Carrasco, J.; Côté, R; Kayara, J.; Kennedy T. & Tran, P. (2005). Connected lives: the project. *Networked neighbourhoods*. Berlin.

**ANEXOS**

## LISTA DE ANEXOS

Anexo A	Dimensões e características das redes de suporte social
Anexo B	Hipóteses do modelo analítico
Anexo C	Instrumentos de estudo
Anexo D	Codificação dos instrumentos
Anexo E	Anexo à caracterização da amostra
Anexo F	Anexo à apresentação dos resultados

## ANEXO A

### Dimensões e Características das Redes de Suporte Social

Dimensões e Características das Redes de Suporte Social	
Dimensão	Características
<b>Estrutural</b>	a) Composição da rede b) Distribuição da rede por quadrantes c) Tamanho da rede e dos quadrantes d) Densidade da rede
<b>Funcional</b>	a) Funções genéricas de suporte social percebido e recebido: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Suporte emocional</li> <li>• Suporte tangível (material ou instrumental)</li> <li>• Suporte informativo</li> </ul> b) Funções específicas de suporte social: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Companhia</li> <li>• Acesso a recursos e novos vínculos</li> <li>• Regulação social</li> </ul> c) Outras características funcionais na avaliação do suporte social: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Multidimensionalidade funcional</li> <li>• Reciprocidade funcional</li> <li>• Funções em torno da situação específica do sujeito central</li> <li>• Necessidades funcionais do suporte</li> <li>• Características idiossincráticas do momento do suporte</li> </ul>
<b>Relacional e Contextual</b>	a) Características sociodemográficas dos participantes b) Homogeneidade/heterogeneidade da rede c) Intensidade e compromisso relacional d) Duração e história da relação (vínculo) e) Fontes de stress e conflitualidade f) Dispersão (geográfica) da rede g) Frequência de contactos entre os elementos

(Guadalupe, 2009:74)

## ANEXO B

### Hipóteses do Modelo Analítico

Hipóteses do Modelo Analítico			
Hipótese	Categoria	Variáveis (X1, Y1 ...) <sup>1</sup>	Indicadores
O tamanho da rede é inversamente proporcional à idade.	De associação	Tamanho da rede (X1) Idade (X2)	Tamanho da rede Idade
Os sujeitos com maior nível de instrução apresentam redes maiores, com mais quadrantes e menos densas do que os sujeitos com nível de instrução mais baixo	Direccional alternativa	Tamanho da rede (Y1) Densidade da rede (Y2) Composição da rede (Y3) Nível de instrução (X1)	Tamanho da rede Densidade da rede Composição da rede Nível de instrução
O tamanho do quadrante das relações de vizinhança na rede é inversamente proporcional à idade.	De associação	Idade (X1) Proporção do quadrante das relações de vizinhança (X2)	Idade Proporção do quadrante das relações de vizinhança
O tamanho do quadrante das relações de vizinhança associa-se positivamente ao tempo de residência no bairro.	De associação	Tamanho do quadrante das relações de vizinhança (X1) Tempo de residência no bairro (X2)	Tamanho do quadrante das relações de vizinhança Tempo de residência no bairro
Os sujeitos que têm uma actividade produtiva apresentam um quadrante das relações de vizinhança menor do que os que não têm.	Direccional alternativa	Tamanho do quadrante (Y1) Actividade produtiva (X2)	Tamanho do quadrante da vizinhança População activa e inactiva
Os que consideram o bairro o local ideal de residência apresentam redes maiores.	Direccional alternativa	Tamanho da rede (X1) Local ideal de residência (X2)	Tamanho da rede Local ideal de residência (X2)
A frequência de contactos com as relações de vizinhança associa-se positivamente à relação percebida com a vizinhança.	De associação	Frequência de contactos com as relações de vizinhança (X1) Relação percebida com a vizinhança (X2)	Frequência de contactos com as relações de vizinhança Relação percebida com a vizinhança
Os sujeitos que percebem maior reciprocidade de apoio na rede social apresentam mais proximidade com as relações de vizinhança do que os que percebem menor reciprocidade.	Direccional alternativa	Reciprocidade na rede (Y1) Proximidade com a vizinhança (X1)	Relação percebida com a vizinhança Reciprocidade na rede

<sup>1</sup> Nas hipóteses que exprimem relação causal, as variáveis independentes são expressas por X1, X2, etc. e as dependentes por Y1, Y2, etc..

# ANEXO C

## Instrumentos de Estudo

### Questionário de Caracterização



#### As Redes Sociais Pessoais no Bairro de Santiago

##### Questionário de Caracterização

No âmbito do mestrado de Psicologia Clínica, ramo de especialização em Família e Intervenção Sistémica, do Instituto Superior Miguel Torga, está a proceder-se a um trabalho de investigação sobre as redes sociais no bairro de Santiago.

Agradecemos que colaborasse, respondendo às questões apresentadas em seguida. Os questionários são anónimos e as suas respostas são absolutamente confidenciais. No caso de surgir alguma dúvida esclareça-a junto da pessoa identificada como responsável pela pesquisa.

Ana Paula Caetano

#### I – Caracterização Geral

<b>Sexo</b>	Masculino	
	Feminino	
<b>Idade</b>	_____ anos	
<b>Estado Civil</b>	Solteiro	
	Casado com Registo	
	Casado sem Registo	
	Separado de Facto	
	Divorciado	
	Viúvo	
<b>Naturalidade</b>	Na freguesia da Glória (bairro de Santiago)	
	Noutra freguesia em Aveiro	
	Noutra localidade próxima de Aveiro	
	Noutro local do país	
	Qual?	
<b>Nível de Escolaridade</b>	Sem Instrução	
	Ensino Básico 1º Ciclo	
	Ensino Básico 2º Ciclo	
	Ensino Básico 3º Ciclo	
	Ensino Secundário	
	Ensino Superior	
<b>Situação na Profissão</b>	Trabalhador por conta de outrem	
	Trabalhador por conta própria/isolado	
	Trabalhador por conta própria/empregador	
	Trabalhador familiar não remunerado (doméstico)	
	Membro de uma cooperativa de produção	
	Desempregado	
	Estudante	
	Reformado	
	Incapacitado permanente para o trabalho (invalidez)	
	Outra situação	
Qual?		
<b>Profissão que exerce:</b>		
<b>Meio de Vida</b>	Rendimento do Trabalho	
	A Cargo da Família	
	Pensão	
	Rendimentos (Propriedade/Empresa)	
	Subsídio de Desemprego	
	Rendimento Social de Inserção	
	Incapacidade Temporária para o Trabalho (baixa)	
	Apoio Social (outros)	
	Outros Subsídios Temporários	
Qual?		



Agregado Familiar	Grau de Parentesco	Idade	Estado Civil de Facto

## II – Caracterização da Situação Habitacional

Vive há quanto tempo no Bairro?	anos	meses
Regime de Alojamento	Ocupado pelo proprietário	
	Arrendado	
	Cedido sem Renda (Entidade)	
	Quem Cedeu?	
	Outro	
	Qual?	
Alguma vez mudou de residência?	Sim	
	Não	
Se sim, motivo da mudança	Familiar	
	Económico	
	Profissional	
	Outro (Qual):	
	Descreva o motivo:	
Local Ideal de Residência (gostaria de morar onde?)	Freguesia da Glória (Bairro de Santiago)	
	Outra freguesia de Aveiro (Vera-Cruz e Santa Joana)	
	Nos Arredores de Aveiro	
	Outros Locais (quais):	
	Porquê?	

## III – Caracterização da Relação Percebida com a Vizinhança

Proximidade com os vizinhos	Muito próxima (falo com eles todos os dias)	
	Próxima (recorro a eles sempre que preciso)	
	Pouco próxima (é raro falar com eles)	
	Nada próxima (evito encontrar-me com eles)	
Quem gostaria de ter como vizinhos?	Gosto dos vizinhos que tenho agora	
	Gostaria de ter outras pessoas conhecidas como vizinhos	
	Gostaria de ter outras pessoas desconhecidas como vizinhos	



## Instrumento de Avaliação das Redes Sociais Pessoais

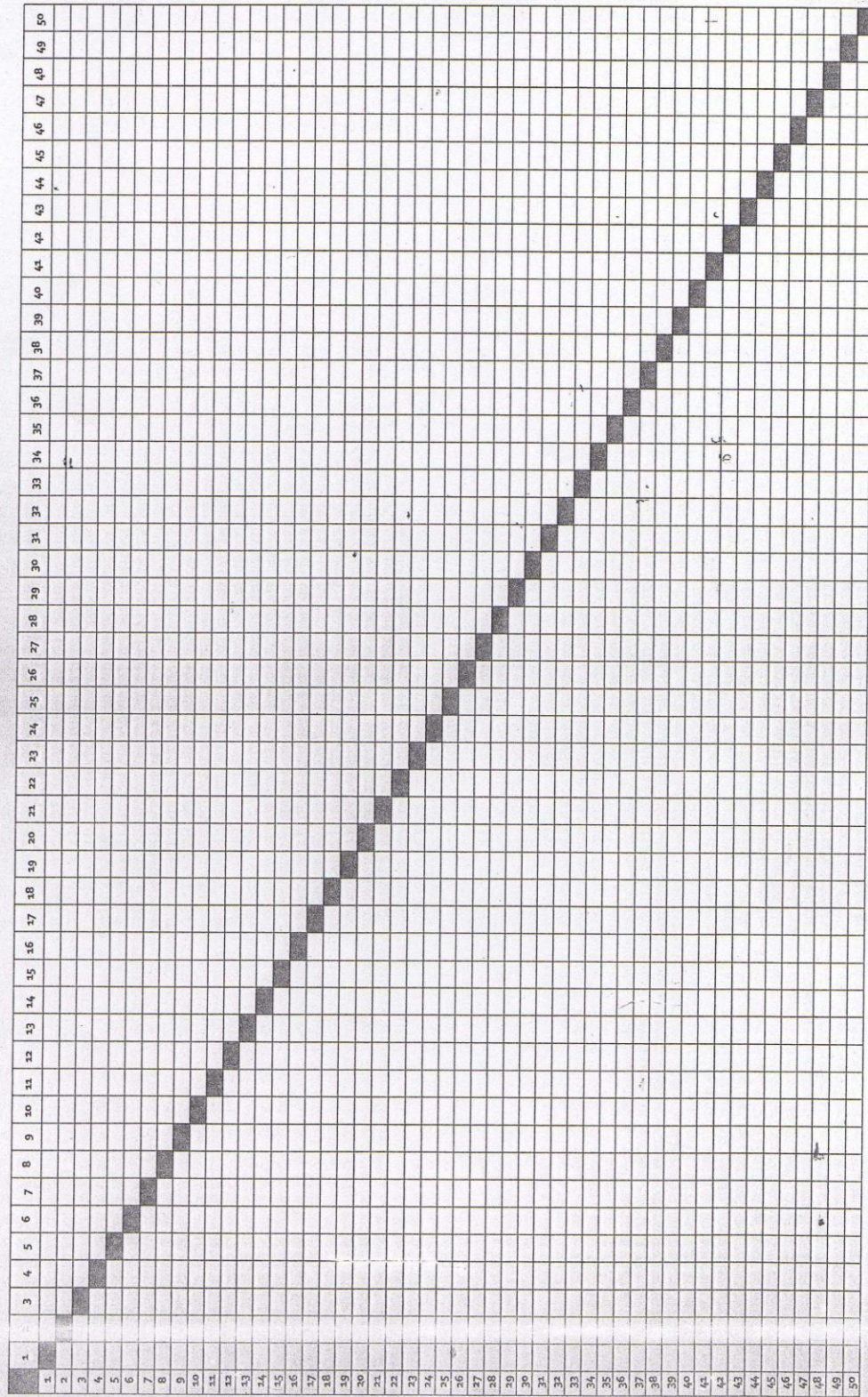
Nº	Elementos da Rede	Vínculo (Tipo de Relação)	Frequência de Contatos	Residência (distância)	Apolo Emocional	Apolo Material e Instrumental	Apolo Informativo	Reciprocidade de Apoio
1	Refira o nome das pessoas com que se relaciona, sob significativas na sua vida e a apoiaram. Use o tipo de identificação que desejar (primeiro nome, alcunha ou inicial)	Refira o vínculo que a pessoa tem consigo. Quando uma pessoa se enquadra em mais de um vínculo, escolha o que melhor representa a relação (não repita o nome). Na família especifique o parentesco (mãe, pai, filho, cônjuge, irmão, tio, etc.). Os técnicos podem ser um médico, um psicólogo, um assistente social, etc.	Use os números: 1-Diariamente 2-Alguns dias 3-Semanalmente 4-Alguns dias 5-Alguns dias por ano	Use os números: 1-Na mesma casa 2-No Bairro de 3-Em Aveiro 4-Fora de Aveiro 5-Fora de Aveiro	Estima-se(a), dá-lhe apoio e carinho num clima de simpatia e compreensão.	Ajuda-o(a) nas coisas do dia-a-dia (refeições, cuidar dos filhos, etc) empresta-lhe dinheiro ou bens	Dá-lhe informações úteis. Esclarece-o(a). Diz-lhe onde deve recorrer.	Pensando no apoio que dá a estas pessoas que referiu, pode afirmar que: <input type="checkbox"/> Dá apoio à maior parte destas pessoas <input type="checkbox"/> Dá a apoio a alguns destas pessoas <input type="checkbox"/> Dá apoio a poucas destas pessoas <input type="checkbox"/> Não dá apoio a nenhuma destas pessoas
2		Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03
3		Vizinho	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03
4		Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03
5		Vizinho	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03
6	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
7	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
8	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
9	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
10	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
11	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
12	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
13	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
14	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
15	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
16	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
17	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
18	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
19	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
20	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
21	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
22	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
23	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
24	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
25	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
26	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
27	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
28	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
29	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
30	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
31	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
32	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
33	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
34	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
35	Família	Amig(a)	01 02 03 04 05	01 02 03 04 05	01 02 03	01 02 03	01 02 03	
36	Família	Amig(a)						



### Densidade – Matriz de Interconexão

Use os números que foram atribuídos atrás a cada um dos elementos da rede.

Preencha o quadro fazendo uma cruz nos quadrados que correspondem ao encontro entre cada duas pessoas que se relacionam. Use os números que foram atribuídos atrás a cada um dos elementos da rede.



## Eco-mapa



### ECO-MAPA

Adaptado de A. Hartman & J. Laird (1983:160)  
In Guadalupe (in press) ©

Pense nos vários sistemas com os quais se relaciona entre eles Entidades, Instituições e Associações. Pense também no apoio que recebe e no tipo de relações que estabelece com cada um deles (de acordo com a legenda). Depois complete o mapa.

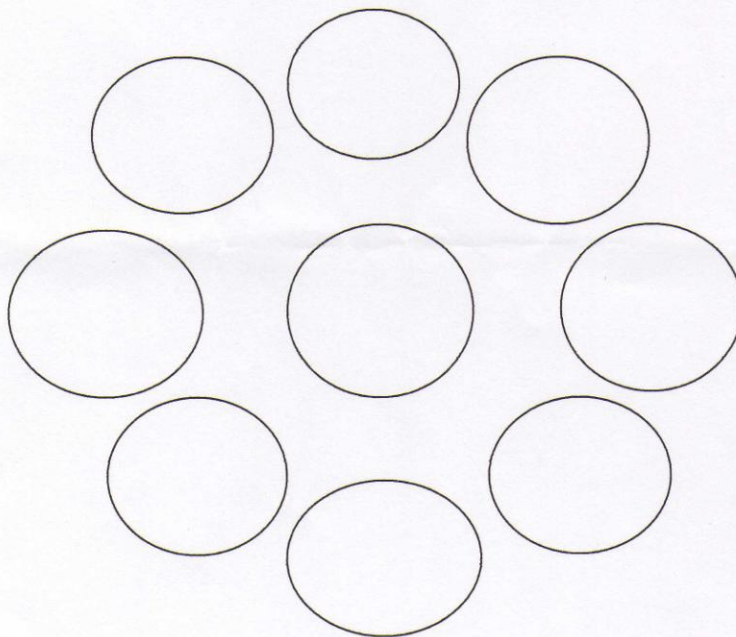
Para fazê-lo tenha em conta o seguinte: escreva o seu nome no círculo do meio; cada um dos restantes círculos corresponde a cada um dos sistemas, como por exemplo Câmara Municipal de Aveiro, IPSS Florinhas do Vouga, Centro de Saúde, Hospital, PSP, Escolas, Associações Desportivas, etc; use os traços relativos à relação estabelecida para ligar os círculos pequenos ao central; dê exemplos concretos do apoio que recebe (emocional, informativo e/ou material; dando pormenores ilustrativos) e do apoio que necessita.

Quando acabar, terá uma melhor noção das fontes de suporte e de *stress* na sua vida.

Refira, nas observações, o que poderá ser feito para fortalecer as relações comunitárias que identificou como "distante", "stressante", "conflituosa" ou com "corte de relação".

No caso de surgir alguma dúvida esclareça-a junto da pessoa identificada como responsável pela pesquisa.

Ana Paula Caetano



#### Legenda:

	Relação de apoio
	Relação distante ou fraca
	Relação stressante
	Relação de dependência
	Relação conflituosa
	Corte relacional
	Fluxo de energia/recursos

Data: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Observações: \_\_\_\_\_

---

---

---

---

---

---

---

---



## ANEXO D

### Codificação das variáveis dos instrumentos de recolha de dados

#### Questionário de caracterização

##### Características Sociodemográficas

Variável	Categorias	Descrição	Codif.
<b>Sexo</b>	Masculino	Masculino	1
	Feminino	Feminino	2
<b>Idade</b>	Idade	Intervalo de tempo que decorre entre a data do nascimento (dia, mês e ano) e as 0 horas da data de referência. A idade é expressa em anos completos*	Valores absolutos
	Grupo etário	Intervalo de idade, em anos, no qual o indivíduo se enquadra, de acordo com o momento de referência - INE – V01214 (INS, 18-24;> = 65; variante 24)	18 - 24 25 - 34 35 - 44 45 - 54 55 - 64 65 e +
<b>Estado Civil</b>  (Situação real em que a pessoa vive em termos de relacionamento conjugal*)	Solteiro		1
	Casado com Registo	Situação de estado civil (legal) de toda a pessoa que tenha contraído casamento*	2
	Casado sem Registo	Situação de toda a pessoa que, independentemente do seu estado civil (legal), viva em situação idêntica à de casado, não a tendo legalizada*	3
	Separado de Facto	Situação dos cônjuges que vivem separadamente, decorrente de uma ruptura conjugal não legalizada*	4
	Divorciado	Situação de estado civil de toda a pessoa que obteve a decisão de dissolução legal e definitiva do vínculo de casamento*	5
	Viúvo	Casamento dissolvido por morte de um dos cônjuges*	6
<b>Nível de escolaridade</b>  (Nível ou grau de ensino mais elevado que o indivíduo concluiu ou para o qual obteve equivalência, e em relação ao qual tem direito ao respectivo certificado ou diploma*)	Analfabeto (Sem Instrução)	Indivíduo com 10 ou mais anos que não sabe ler nem escrever, i.e., incapaz de ler e compreender uma frase escrita ou de escrever uma frase completa*	1
	Ensino Básico 1º Ciclo	Nível de ensino que se inicia cerca da idade de seis anos, com a duração de nove anos, cujo programa visa assegurar uma preparação geral comum a todos os indivíduos, permitindo o prosseguimento posterior de estudos ou a inserção na vida activa. Compreende três ciclos sequenciais, sendo o 1.º de quatro anos, o 2.º de dois anos e o 3.º de três anos. É universal, obrigatório e gratuito*	2
	Ensino Básico 2º Ciclo		3
	Ensino Básico 3º Ciclo		4
	Ensino Secundário	Nível de ensino que corresponde a um ciclo de três anos (10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade), que se segue ao ensino básico e que visa aprofundar a formação do aluno para o prosseguimento de estudos ou para o ingresso no mundo do trabalho. Está organizado em cursos predominantemente orientados para o prosseguimento de estudos e cursos predominantemente orientados para a vida activa*	5
	Ensino Superior	Nível de ensino que compreende os ensinos universitário e politécnico, aos quais têm acesso indivíduos habilitados com um curso secundário ou equivalente e indivíduos maiores de 23 anos que, não possuindo a referida habilitação, revelem qualificação para a sua frequência através de prestação de provas*	6

\*Fonte: conceitos vigentes do INE (*in* <http://conceitos.ine.pt/>)



## Características Socioprofissionais

Variável	Categorias	Descrição	Codif.
<b>Situação na Profissão</b> (Relação de dependência ou independência de um indivíduo activo no exercício da profissão, em função dos riscos económicos em que incorre e da natureza do controlo que exerce na empresa)	Trabalhador por conta de outrem	Indivíduo que exerce uma actividade sob a autoridade e direcção de outrem, nos termos de um contrato de trabalho, sujeito ou não a forma escrita, e que lhe confere o direito a uma remuneração, a qual não depende dos resultados da unidade económica para a qual trabalha*	1
	Trabalhador por conta própria/isolado	Indivíduo que exerce uma actividade independente, com associados ou não, obtendo uma remuneração que está directamente dependente dos lucros (realizados ou potenciais) provenientes de bens ou serviços produzidos e que, habitualmente não contrata trabalhador(es) por conta de outrem para com ele trabalhar(em). Os associados podem ser, ou não, membros do agregado familiar*	2
	Trabalhador por conta própria/empregador	Indivíduo que exerce uma actividade independente, com associados ou não, obtendo uma remuneração que está directamente dependente dos lucros (realizados ou potenciais) provenientes de bens ou serviços produzidos e que, a esse título, emprega habitualmente um ou vários trabalhadores por conta de outrem para trabalharem na sua empresa*	3
	Trabalhador familiar não remunerado (doméstico)	Indivíduo que, não tendo um emprego nem estando desempregado, se ocupa principalmente das tarefas domésticas no seu próprio lar*	4
	Membro de uma cooperativa de produção	Indivíduo que exerce uma actividade independente, e que a esse título, pertence a uma cooperativa produtora de bens e/ou serviços na qual cada membro toma parte, em pé de igualdade, na organização da produção e em outras actividades da cooperativa, decidindo sobre os investimentos a efectuar e sobre a repartição dos lucros entre os seus membros*	5
	Desempregado	Indivíduo, com idade mínima de 15 anos que, no período de referência, se encontrava simultaneamente nas situações seguintes: a) não tinha trabalho remunerado nem qualquer outro; b) estava disponível para trabalhar num trabalho remunerado ou não; c) tinha procurado um trabalho, isto é, tinha feito diligências no período especificado (período de referência ou nas três semanas anteriores) para encontrar um emprego remunerado ou não*	6
	Estudante	Indivíduo que frequenta o sistema formal de ensino após o acto de registo designado como matrícula*	7
	Reformado	Indivíduo que, tendo cessado o exercício de uma profissão, por decurso de tempo regulamentar, por limite de idade, por incapacidade ou por razões disciplinares, beneficia de uma pensão de reforma*	8
<b>Profissão**</b> (Ofício ou modalidade de trabalho, remunerado ou não, a que corresponde um determinado título ou designação profissional, constituído por um conjunto de tarefas que concorrem para a mesma finalidade e que pressupõem conhecimentos semelhantes)*	Incapacitado perante o trabalho (invalidez)	Incapacidade da pessoa lesionada para executar as tarefas normais correspondentes, no emprego ou posto de trabalho que ocupava no momento em que se produziu o acidente de trabalho*	9
	CNP – Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quad. Sup. de Emp.		1
	CNP 2 – Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas		2
	CNP 3 – Técnicos e Profissionais de Nível Intermediário		3
	CNP 4 – Pessoal Administrativo e Similares		4
	CNP 5 – Pessoal dos Serviços e Vendedores		5
	CNP 6 – Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas		6
	CNP 7 – Operários, Artífices e Trabalhadores Similares		7
	CNP 8 – Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem		8
	CNP 9 – Trabalhadores não Qualificados		9
	CNP 10 – Membros das Forças Armadas		10
	Domésticos		11
	Estudantes		12
	Inactivos (reformados, desempregados, incapacitados perante o trabalho)		13

\*Fonte: conceitos vigentes do INE ([in http://conceitos.ine.pt/](http://conceitos.ine.pt/))

\*\*V00312Classificação Nacional de Profissões, versão 1994 (1º nível) - variante 1

Variável	Categorias	Descrição	Codif.
<b>Meio de Vida</b> (Fonte principal de onde o indivíduo retira os seus meios financeiros ou em géneros necessários à sua subsistência, durante o período de referência)*	Rendimento do Trabalho	Situação em que a principal fonte de subsistência de um indivíduo é assegurada pelo rendimento recebido pelo trabalhador por conta de outrem e por conta própria, em directa ligação com o exercício da respectiva actividade profissional*	1
	A Cargo da Família	Situação em que o principal meio de subsistência de um indivíduo provém de familiares*	2
	Pensão	Situação em que a principal fonte de subsistência de um indivíduo é assegurada por uma pensão, isto é, por uma prestação pecuniária, periódica e permanente, destinada a substituir a remuneração do trabalho que o indivíduo já não auferi, ou destinada a indivíduos considerados como não capazes de prover os seus próprios meios de subsistência*	3
	Rendimento da Propriedade e da Empresa	Situação em que a principal fonte de subsistência de um indivíduo, reveste a forma de rendas, juros, dividendos, seguros de vida, direitos de autor, etc*	4
	Subsídio de Desemprego	Situação em que a principal fonte de um indivíduo, é assegurada através de prestação financeira, de carácter temporário, que o indivíduo recebe enquanto estiver na situação de desempregado à procura de emprego*	5
	Rendimento Social de Inserção	Situação em que a principal fonte de subsistência de um indivíduo é assegurada através da prestação definida na Lei n.º 13/2003 de 21 de Maio**	6
	Incapacidade Temporária para o trabalho (baixa)	Subsídio Temporário por Acidente de Trabalho ou Doença Profissional: situação em que a principal fonte de subsistência de um indivíduo é assegurada através de subsídio atribuído à pessoa temporariamente impossibilitada de trabalhar devido a acidente de trabalho ou doença profissional, mantendo-se o vínculo à entidade empregadora*	7
	Apoio Social (outros)	Situação em que a principal fonte de subsistência de um indivíduo, é assegurada através do Estado, Organismos Públicos ou Instituições Sem Fins Lucrativos, através de subsídios, equipamentos sociais ou outros, isto é, abrange os indivíduos cuja principal fonte de sobrevivência seja a assistência, que pode ser fornecida em regime de internato ou não*	8
	Outros Subsídios Temporários	Situação em que a principal fonte de subsistência é assegurada através de um subsídio de carácter temporário que não seja de desempregado, por acidente de trabalho ou doença profissional*	9
<b>Desempenho de Actividade Produtiva</b>	Com actividade produtiva		1
	Sem actividade produtiva		2

\*Fonte: conceitos vigentes do INE (*in* <http://conceitos.ine.pt/>)

\*\*A denominação e legislação foi actualizada, pois o conceito referia ainda o Rendimento Mínimo Garantido (RMG) e o decreto-lei n.º 196/97 de 31/7, este veio a ser revogado na lei n.º 13/2003 de 21 de Maio e surge o Rendimento Social de Inserção.

## Caracterização da Situação Habitacional

Variável	Categorias	Descrição	Codif.
<b>Naturalidade</b> (Considera-se naturalidade o local do nascimento ou o local da residência habitual da mãe à data do nascimento. Para determinados fins estatísticos deve-se considerar preferencialmente o local da residência habitual da mãe à data do nascimento)*	No bairro	Freguesia da Glória	1
	Aveiro	Outra freguesia de Aveiro	2
	Arredores	Noutra localidade próxima de Aveiro	3
	Outro local do país		4
	Estrangeiro		5
<b>Agregado familiar**</b> (Coabitação)	Família Nuclear	Família nuclear composta pelos seguintes subsistemas: conjugal, parental, filial e fraternal	1
	Família Nuclear Truncada	Família nuclear sem um membro do subsistema executivo	2
	Família Nuclear Alargada	Família nuclear (ver descrição acima) coabita com elementos da família alargada	3
	Família Nuclear Truncada e Alargada	Família nuclear sem um membro do subsistema executivo coabita com elementos da família alargada	4
	Isolado	Núcleo familiar composto por um único elemento (uni-elementar)	5
	Outro tipo de família	Elementos da família nuclear ou alargada de uma mesma geração (irmão ou primos que coabitam)	6
<b>Tempo residência no bairro</b>	Intervalo de tempo que decorre entre a data de residência no bairro (dia, mês e ano) e as 0 horas da data de referência. O tempo de residência é expresso em anos completos.		Valores absolutos
<b>Regime de Alojamento</b> (Local distinto e independente que, pelo modo como foi construído, reconstruído, ampliado, transformado ou está a ser utilizado, se destina a habitação com a condição de não estar a ser utilizado totalmente para outros fins no momento de referência)*	Ocupado pelo proprietário	Titular do direito de propriedade do alojamento que tem o gozo pleno e exclusivo dos direitos de uso, fruição e disposição do mesmo*	1
	Arrendado	Quantitativo devido mensalmente ao senhorio pela utilização do alojamento/fogo para fins habitacionais*	2
<b>Mudança de residência</b>	Não		1
	Sim		2
<b>Motivo da mudança</b>	Motivo Familiar		1
	Motivo Económico		2
	Motivo Profissional		3
	Motivo Familiar e económico		4
	Outro Motivo		5
<b>Local Ideal de Residência***</b>	No bairro		1
	Aveiro		2
	Arredores		3

\*Fonte: conceitos vigentes do INE (*in* <http://conceitos.ine.pt/>)

\*\*Fonte: Guadalupe, S. (2000). Singularidade das redes e redes da singularidade – rede social pessoal e saúde mental [Dissertação de Mestrado]. Coimbra: Instituto Superior Miguel Torga.

\*\*\*Adaptado de: L. (1988). Ecologia Social do Risco Psicológico em Meio Urbano. Revista Psicologia, vol. VI, 3, pp.326 e 327.



### Caracterização da Relação Percebida com a Vizinhança

Variável	Categorias	Descrição	Codificação
Proximidade com os Vizinhos*	Muito próxima	“Falo com eles todos os dias”	1
	Próxima	“Recorro a eles sempre que preciso”	2
	Pouco próxima	“É raro falar com eles”	3
	Nada próxima	“Evito encontrar-me com eles”	4
Quem gostaria de ter como Vizinhos*	Gosto dos vizinhos que tenho		1
	Gostaria de ter outros vizinhos conhecidos		2
	Gostaria de ter outros vizinhos desconhecidos		3

\*Adaptado de: Soczka, L. (1988). Ecologia Social do Risco Psicológico em Meio Urbano. Revista Psicologia, vol. VI, 3, pp.325.

## Codificação das variáveis do Instrumento de Avaliação das Redes Sociais Pessoais

IARSP Dimensão estrutural, funcional e contextual			
Dimensão	Variável	Descrição	Cotação
Estrutural	Tamanho da rede	Número de elementos identificados na rede	Valores absolutos Categorização em classes
	Densidade da rede	Nível de densidade	O nível de densidade é obtido a partir do <i>software</i> de análise de redes sociais UCINET (para <i>egonetworks</i> ) <sup>2</sup>
		Classificação do tipo de densidade com base no nível de densidade da rede e na visualização da rede (através do <i>software NetDraw</i> ) <sup>3</sup>	1- Coesa 2- Fragmentada 3- Dispersa
	Composição da rede	Quadrante considerados: - Família - Relações de amizade - Relações de trabalho e/ou estudo - Relações comunitárias ou de vizinhança - Relações no âmbito institucional	- Tamanho do quadrante - Proporção do quadrante no tamanho da rede - Número de quadrantes - Composição quanto às combinações dos quadrantes presentes na rede
Funcional	Frequência do apoio social recebido	Frequência do apoio emocional recebido	1- Nenhum 2- Pouco 3- Moderado 4- Muito 5- MUITÍSSIMO
		Frequência do apoio material e instrumental recebido	
		Frequência do apoio informativo recebido	
	Reciprocidade do apoio	Reciprocidade funcional percebida pelo sujeito relativamente aos membros da rede	1- Não dá apoio a nenhuma destas pessoas 2- Dá apoio a muito poucas destas pessoas 3- Dá apoio a poucas destas pessoas 4- Dá apoio a algumas destas pessoas 5- Dá apoio à maior parte destas pessoas
Contextual	Frequência de contactos	Frequência de contactos entre o sujeito e os membros da rede	1. Diariamente 2. Algumas vezes por semana 3. Semanalmente 4. Algumas vezes por mês 5. Algumas vezes por ano
	Dispersão geográfica	Distância na residência entre o sujeito e os membros da rede	1. Na Mesma Casa 2. No Bairro de Santiago 3. Em Aveiro 4. Arredores de Aveiro 5. Fora de Aveiro

<sup>2</sup> Para avaliar de densidade da rede social pessoal (*egonetwork*) utilizou-se o UCINET 6.164.

<sup>3</sup> Para a visualização gráfica das redes sociais pessoais utilizou-se o programa *NetDraw* 2.072.



## Codificação das variáveis do Eco-mapa

Eco-mapa		
Variável	Descrição	Cotação
<b>Tamanho da rede secundária</b>	Número de elementos identificados na rede secundária	Valores absolutos Categorização em classes
<b>Relação com a rede secundária</b>	Relação percebida que o sujeito estabelece com a rede secundária	1. Relação de apoio 2. Relação distante ou fraca 3. Relação stressante 4. Relação de dependência 5. Relação conflituosa 6. Corte relacional 7. Fluxo de energia/recursos

## ANEXO E

### Anexo à Caracterização da Amostra

#### Profissões (Classificação Nacional de Profissões)

Profissões (CNP)	n	%
Especialistas das profissões intelectuais e científicas	1	1,3
Técnicos e profissionais de nível intermédio	1	1,3
Pessoal administrativo e similares	2	2,5
Pessoal dos serviços e vendedores	15	18,8
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura	1	1,3
Operários, artífices e trabalhadores similares	3	3,8
Operadores de Instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	2	2,5
Trabalhadores não qualificados	7	8,8
Domésticos	4	5,0
Estudantes	3	3,8
Inactivos	41	51,3
<b>Total</b>	<b>80</b>	<b>100,0</b>

## ANEXO F

### Anexo à Apresentação dos Resultados

#### Frequência de Contactos por Quadrante

<b>Frequência de contactos com as relações de família</b>		
Diariamente	50	62,5
Algumas vezes por semana	24	30
Semanalmente	3	3,8
Algumas vezes por mês	2	2,5
Algumas vezes por ano	0	0
(não tem relações familiares)	1	1,3
Total	80	100
<b>Frequência de contactos com as relações de amizade</b>		
Diariamente	14	17,5
Algumas vezes por semana	25	31,3
Semanalmente	3	3,8
Algumas vezes por mês	3	3,8
Algumas vezes por ano	0	0
(não tem relações de amizade)	35	43,8
Total	80	100
<b>Frequência de contactos com as relações de trabalho e/ou estudo</b>		
Diariamente	17	21,3
Algumas vezes por semana	3	3,8
Semanalmente	0	0
Algumas vezes por mês	0	0
Algumas vezes por ano	0	0
(não tem relações de trabalho e/ou estudo)	60	75
Total	80	100
<b>Frequência de contactos com as relações de vizinhança</b>		
Diariamente	30	37,5
Algumas vezes por semana	16	20
Semanalmente	1	1,3
Algumas vezes por mês	0	0
Algumas vezes por ano	0	0
(não tem relações de vizinhança)	33	41,3
Total	80	100
<b>Frequência de contactos com as relações institucionais</b>		
Diariamente	1	1,3
Algumas vezes por semana	4	5
Semanalmente	2	2,5
Algumas vezes por mês	1	1,3
Algumas vezes por ano	0	0
(não tem relações institucionais)	72	90
Total	80	100



## Dispersão Geográfica por Quadrante

<b>Distância de residência das relações de família</b>		
Na Mesma Casa	35	43,8
No Bairro de Santiago	18	22,5
Em Aveiro	22	27,5
Arredores de Aveiro	3	3,8
Fora de Aveiro	1	1,3
(não tem relações familiares)	1	1,3
Total	80	100
<b>Distância de residência das relações de amizade</b>		
Na Mesma Casa	0	0
No Bairro de Santiago	11	13,8
Em Aveiro	32	40
Arredores de Aveiro	2	2,5
Fora de Aveiro	0	0
(não tem relações de amizade)	35	43,8
Total	80	100
<b>Distância de residência das relações de trabalho e/ou estudo</b>		
Na Mesma Casa	0	0
No Bairro de Santiago	0	0
Em Aveiro	18	22,5
Arredores de Aveiro	2	2,5
Fora de Aveiro	0	0
(não tem relações de trabalho e/ou estudo)	60	75
Total	80	100
<b>Distância de residência das relações de vizinhança</b>		
Na Mesma Casa	2	2,5
No Bairro de Santiago	45	56,3
Em Aveiro	0	0
Arredores de Aveiro	0	0
Fora de Aveiro	0	0
(não tem relações de vizinhança)	33	41,3
Total	80	100
<b>Distância de residência das relações institucionais</b>		
Na Mesma Casa	0	0
No Bairro de Santiago	7	8,8
Em Aveiro	0	0
Arredores de Aveiro	0	0
Fora de Aveiro	1	1,3
(não tem relações institucionais)	72	90%
Total	80	100



## Características estruturais da rede de acordo com o nível de instrução – estatística descritiva

Estatística descritiva para as características estruturais da rede de acordo com o nível de instrução			
	$\bar{x}$	s	Amplitude (mi-máx)
<b>Distribuição: quantidade de quadrantes</b>			
Sem instrução	2,20	0,45	1 (2-3)
1º Ciclo ensino básico	2,49	0,74	3 (1-4)
2º Ciclo ensino básico	2,44	0,82	3 (1-4)
3º Ciclo ensino básico	2,29	0,76	2 (1-3)
Ensino secundário	2,83	1,17	3 (1-4)
Ensino superior	2,50	0,71	1 (2-3)
<b>Tamanho da rede</b>			
Sem instrução	10,60	9,34	23 (4-27)
1º Ciclo ensino básico	9,86	4,36	17 (4-21)
2º Ciclo ensino básico	7,84	2,98	14 (2-16)
3º Ciclo ensino básico	9,86	3,71	10 (5-15)
Ensino secundário	13,17	7,78	20 (5-25)
Ensino superior	11,50	2,12	3 (10-13)
<b>Nível de densidade da rede</b>			
Sem instrução	83,88	28,89	66 (33-100)
1º Ciclo ensino básico	87,71	18,52	57 (43-100)
2º Ciclo ensino básico	92,47	15,87	60 (40-100)
3º Ciclo ensino básico	82,25	16,56	47 (53-100)
Ensino secundário	56,43	24,42	64 (36-100)
Ensino superior	86,37	19,28	27 (73-100)

